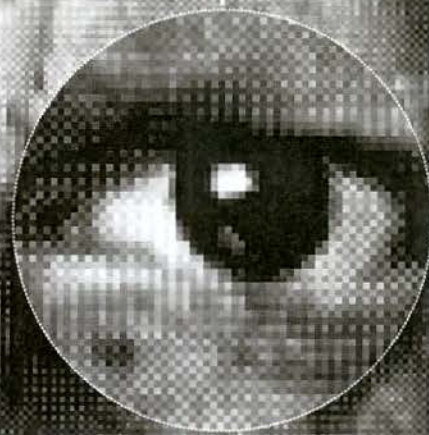


TCC/UNICAMP
P415a
1900 FEF/491

Amigos



Éden Silva Pereti

Espelhos

modernos

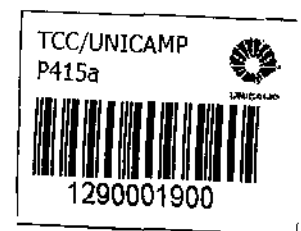


Faculdade de
Educação Física
UNICAMP

Éden Silva Pereti

Antigos Espelhos Modernos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
1999



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Antigos Espelhos Modernos

Monografia apresentada
como requisito parcial para
a obtenção do título de
Licenciado em Educação
Física, sob orientação da
Profa. Dra. Carmen Lúcia
Soares.

CAMPINAS – 1999

Ao doce sorriso dos corpos-crianças que, ao se revelarem em nosso interior,
enfeitiçam a razão e nos mostram a maravilha do mundo,
nos fazendo voar...

Poeta
costurei o mundo em minhas entranhas
para não me perder.
Engulo, de três em três horas, a pílula do engodo
pra forçar-me engajada.
No dia-a-dia, estudo a lição da sombra.
Não esqueço de por a mão na terra às sextas-feiras
pra manter as raízes.
Sei que o mundo é cão. O tempo, um nada.
A vida, um sopro.
Mas é primavera e estou viva.
E tenho certeza, quando me plantarem,
tentarei florir.

Maria Dinorah Luz do Prado

*"Falar do corpo é abordar o que se passa, ao mesmo tempo, fora dele.
Mas o inverso também é válido."
(SANT'ANNA, Denise. 1995, p.17)*

Apenas algumas mal traçadas linhas ...

Nessas poucas linhas que se seguem está inscrito muito mais do que um simples trabalho de fim de curso. Símbolos, significados, pensamentos, expressões, atitudes... um pouco disso tudo se encontra nas tatuagens que mancham nossas próximas páginas, refletindo, em pequenas porções, a história de uma vida, a vida de uma história.

Essas corridas linhas são desnecessárias aos olhos de meus irmãos e amigos, pois soarão redundantes e prepotentes ao tentarem delimitar todo um universo em algumas poucas páginas, trancafiando-o na bidimensionalidade de suas tintas e formas. Entretanto sua serventia será ao desconhecido, àqueles aos quais meus olhos nunca tocaram e meu sorriso nunca beijou suas almas.

Revoluções... revolução da forma, revolução molecular, revolução interna, a importância dos pequenos gestos para construir um novo mundo. Esse pensamento regeu a construção desse trabalho, desde sua voz literária até o total reaproveitamento das páginas que, infelizmente, deram suas vidas para tornar real a existência desses dizeres, os quais agora se exibem com suas costas nuas e um ar insolente, devido sua arrogante estética.

Diversidade... diversidade de idéias, certezas, pensamentos, atitudes, vidas, corpos, universos. Essa é a gênese da história que agora se delta em suas mãos. O incômodo do corpo perfeito, ideal, padronizado, foi o palco sobre o qual subi para tentar interpretar mais uma peça da minha vida.

O tempo em que me debrucei sobre minhas leituras, músicas, imagens foi entremeado por conversas, devaneios e atitudes de inúmeras pessoas, as quais, sem dúvida alguma, são mais responsáveis por essas linhas do que eu próprio. Como suas assinaturas não puderam figurar nessas pomposas páginas, nada mais justo que esse modesto espaço lhes seja dado, em forma de agradecimento. Obrigado:

Vitor, Mírian, Érico e Igor. Por existirem. E fazerem com que eu também o faça.

Carminha, agradeço sua confiança e seu constante estímulo. Espero que a orientação de suas certezas provisórias ajudem a muitos outros "revolucionários"...

Jocimar, meu mestre e irmão. Pelas risadas, conversas e cervejas. Por me apresentar o maravilhoso olhar antropológico.

Léo e Chioda, eternos irmãos. Pelas risadas, discussões, cafeffis, vinhos e sonhos.

Vini e Marquinho, Irmãos da vida. Pelas caminhadas, alegrias e, em todos os sentidos, as viagens...

Júlio, Stein, Maurício e Dênis, Irmãos e irmã. Pelas divergências, discussões, divertimentos, companherismo. Por resistirmos ao tempo e à distância.

Fernanda, Jaque e Débora. Por serem mulheres. Por serem Irmãs. O despertar de suas palavras com certeza deixou suas marcas nessas páginas.

Natalie e Mateus. Por acreditarem. Por continuarem insistindo em plantar a utópica semente da mudança.

Priscila, Mafê, Carol e Aline. Por compartilharem comigo a constante e mágica "pedagogia" da convivência e do amor.

Ana "flor-de-maracujá". Por sorrir. Sorrir e mostrar-me um maravilhoso e apaixonante universo. Leve contigo um enorme beijo e uma flor a todos os "biólogos" que muito me ensinaram.

"Solidários" amazônicos. Por viverem comigo essa inspiradora e determinante viagem.

Girasonhos e Família Burn. Por aturar as ausências e desculpas desse pobre palhaço glirasonhador.

Espaço e pessoas AFIM. Por me ajudarem a me construir.

Movimento Estudantil. Por me ajudar a me compreender como agente histórico.

Pierre, 'seu' Nelson, Dona Maria, Ilde, 'seu' Teixeira, Lualva, 'seu' Lino, 'seu' Raimundo e todos os outros anônimos ou imemorados, que não mais têm seus nomes gravados em meu coração, o qual guardou destes apenas o sorriso e a louca vontade de viver. Por me acolherem, em algum momento, em suas casas e em seus corações, durante meus trabalhos ou minhas intermináveis viagens. Por ensinar-me, com seus sorrisos e atitudes, a beleza da vida, e trazer-me de volta a confiança no ser humano. Vocês são algumas das muitas pessoas que justificam o mundo.

Ao tentarmos definir um elenco para a peça, a injustiça é inevitável. Com certeza os limites dessas páginas não dariam conta da diversidade e quantidade de atores que auxiliaram na sua construção. Cabe aqui um pedido de desculpas àqueles que não constaram nominalmente nessas mal traçadas linhas. Espero que mesmo assim todos se sintam autores dessa história, pois sem dúvida, o são da minha vida.

Todos aqueles que, ao olharem meus olhos, viram o sorriso deslumbrado de minha alma, recebendo em troca a alcunha de "irmãos", são construtores dessa pequena obra. Se você, que agora lê esses poucos dizeres, ainda não me olhou nos olhos, por favor, procure-me. Tenho certeza que ainda tenho muito o que aprender com você...

RESUMO

Alguns ingênuos desavisados buscariam infinitas respostas nessas próximas pobres e mal traçadas linhas, por isso esse alerta se faz necessário. Ao adentrar esse pequeno universo das palavras olhe com cuidado para todos os lados, pois imensos e delatores espelhos estarão a lhe fitar, com todo o seu desdém e preconceitos enraizados visceralmente em suas entranhas. Ao sentir sua fria pele, inúmeras dúvidas e devaneios lhe invadirão como um sopro frio e cortante, erigindo seus pêlos e sua alma. Imagens brincarão com suas dúvidas, provocando seus olhos e suas certezas. Quem é este que agora lhe observa? O que lhe dizem seus ineptos contornos? Será que o passeio de seus olhos está realmente a lhe admirar? Esse inodoro ser bidimensional, realmente estará lhe refletindo? Por que ele lhe compara com outros? Quem constrói as medidas da alteridade? Com quais interesses? De onde vem seu poder escravizador sobre as mulheres?

O princípio da Modernidade tem a pretensa intenção de oferecer-lhes algumas respostas... contudo, tenham cuidado. As certezas, quando não provisórias, são fatais, pois ao apresentarem “definições” cristalizam e matam o conhecimento, até então vivo e historicamente mutável. Quando acordar de seus devaneios, ainda desnorteado, terá chegado a ilusórias conclusões que moldarão um triunfante sorriso em sua face. Questioná-lo seria um ótimo começo...

SUMÁRIO

Cap. I	
A grande dança -----	00
Cap. II	
Prisões -----	13
Cap. III	
Luzes da Noite -----	29
Cap. IV	
Donzela de Ferro -----	43
Cap. V	
Tempos Modernos -----	62
Cap. VI	
Imperativos do Fogo -----	74
Cap. VII	
Certezas Provisórias -----	88
Algumas cartas -----	93
Mestres das formas -----	98

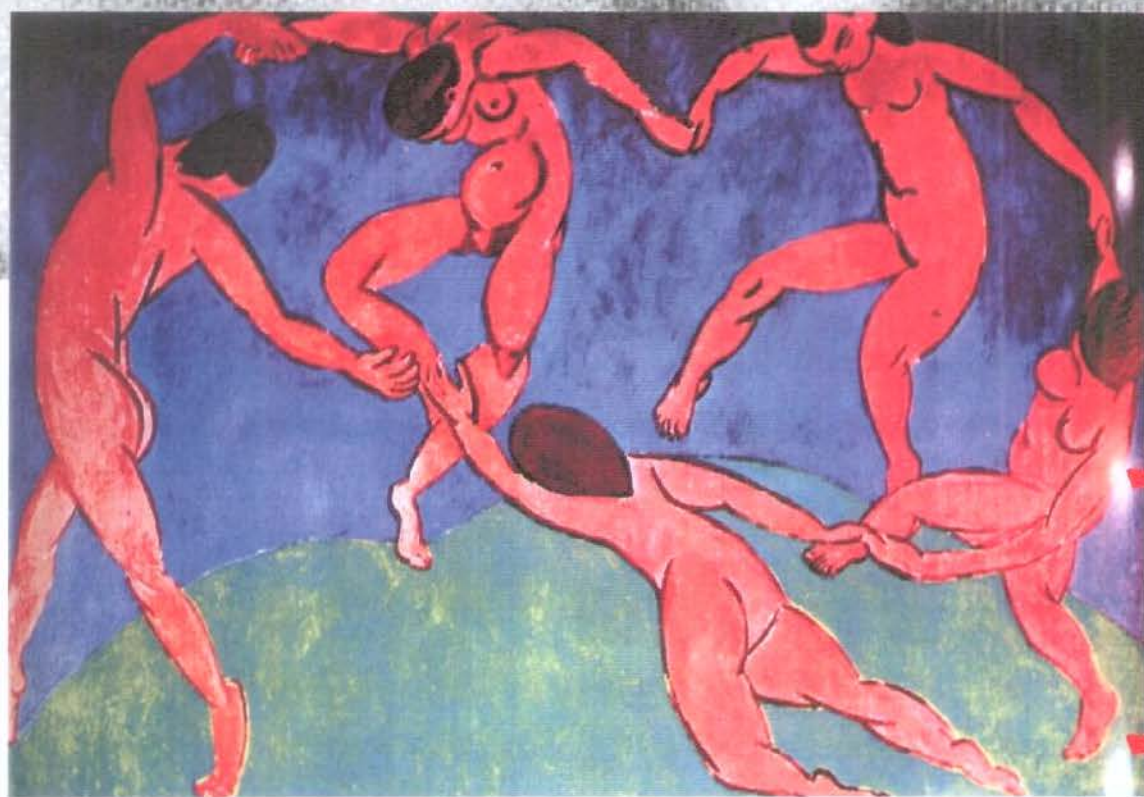


FIG. 01

"A arte é o espelho social de uma época."
(Raul Seixas)

a grande dança

I

a grande dança



*

O silêncio e a escuridão me protegem. Criam em mim uma falsa idéia de isolamento, de ser inatingível, intocável. A suposta ausência de sentidos e percepções constrói em meu imaginário uma desconexão com o mundo, uma independência solitária. Como é quente e confortável o vazio e a escuridão!

O gemido ensurdecedor do silêncio fere minha alma. A incompetência escura da minha visão começa a me incomodar, a ausência de formas, luzes, cheiros, vozes, gritos, gemidos, provocam meu desespero. Não há estímulo, não há pessoas, não há relações...

Um minúsculo e tênue brilho me atrai, é impossível não percebê-lo, afinal ele me fez sentir novamente a existência de meus olhos. Aquele leve sussurro pareceu-me um grito no fundo de minhas retinas. Sinto-me novamente. Ouço meus gestos, cada músculo acordando. Sinto meu cheiro; ele escorre acariciando meu corpo, como um beijo macio e gelado. A brisa refresca minha pele, enquanto me preenche suavemente. Sinto a vida dentro de mim.

Os brilhos começam a se multiplicar. Incontáveis pontos de luz me envolvem numa tensa dança de sedução, interagindo com meus movimentos, modelando e sendo modelada. Posso sentir uma dinâmica harmônica, percebo-me dentro de uma respiração coletiva onde cada gesto meu constrói ao mesmo tempo em que é construído pelos outros.

Um doce perfume penetra meu corpo, trazido pelo forte suspiro de um violino. A música se faz presente em cada espaço, que até então parecia vazio, acariciando e penetrando de forma indescritível os odores ali presentes. Os sons e os cheiros fazendo



amor proporcionam um deleite para minha visão. O êxtase me tomou, como num orgasmo, explodi em movimentos riscando o céu com cada parte do meu corpo, desenhando com os dedos, pintando com o sorriso, apagando a ausência com meus passos.

Quando voltei à razão percebi que me encontrava à margem daquele coletivo com o qual interagia. O frio da escuridão em minhas costas e o cessar da canção me despertaram. Ao abrir os olhos me vi distante dos pequenos brilhos, agora menores ainda. A distância me permitiu admirar as conseqüências de nosso entorpecente ballado, pois não eram mais apenas pequenos pontos na escuridão, mas sim um conjunto de flamejantes estrelas e incandescentes cometas formando um diálogo de formas vibrante e harmônico, uma enorme galáxia.

Ao virar-me para o abismo de ausências, nada mais ouvia, cheirava ou sentia, apenas podia ver ao longe inúmeras constelações e galáxias. Contudo, aos poucos fui invadido pelos mais diversos sons provindos de cada ponto cintilante no céu, um mais distante que o outro. O selvagem rufar de tambores misturava-se no espaço com delicados dedilhados de cordas, os quais pareciam conversar com a suavidade de um coro de vozes.

Confuso e assustado corri de volta para o grupo com o qual dancei. A voz do violino ficava cada vez mais forte, parecendo me chamar, me envolver. As luzes eram cada vez maiores, ganhando formas, ganhando... corpos. Ao me aproximar, ofegante, percebi que não eram apenas luzes disformes, mas sim seres humanos. Eram seres tomados por um bailado hipnotizante, sedutor e envolvente.

Logo em minha frente uma mulher linda se esvaía em movimentos. Suas poucas vestes pareciam se fundir com suas



madeixas louras, contrastando e cortando o espaço num vôo macio e eterno, enquanto seus olhos castanhos gritavam alegria provocando minha alma, seu brilhante sorriso falava coisas que nenhuma palavra conhecida daria conta dos significados.

Aos poucos, sem eu perceber, ela já me envolvia com seus gestos, sua música, seus cheiros... de súbito eu estava imerso e perdido na lógica daquele caos sublime, onde cada pequeno movimento transbordava significados e intenções denunciando a vida.

Nos poucos segundos em que meus olhos conseguiram escapar daquela mágica dança, pude perceber que não estávamos sozinhos, mas sim em meio a uma multidão. Não via mais apenas uma grande massa cintilante, mas sim incontáveis indivíduos, cada qual com a sua dança, com suas expressões. Contudo mantinham uma harmonia, uma coerência que os caracterizava como grupo.

Aqueles olhos amendoados me confidenciaram alguns códigos, explicitando as relações que ali existiam, bem como a existência de outros grupos, ritmos, danças, valores... Sem dizer uma palavra, aquela mulher me mostrou o universo. Um universo de valores, significados, expressões, odores, formas, luzes... simplesmente com seu olhar delatante, revelou seu interior numa confiança inesperada, afirmando que indivíduos são universos.

Ao sentir o suave toque de suas mãos, escuto uma sirene agonizante, ensurdecedora. A escuridão me toma novamente, porém não mais me acalma nem me protege, mas sim me angustia e apavora. Todo o brilho até então presente se esvai em espiral para o interior de um buraco negro. Tudo gira, não percebo mais o mundo, não me sinto mais...



Cinco e quarenta e cinco da manhã. É o que denunciavam os garrafais números verdes do despertador sobre meu criado-mudo. Mudo. Esta palavra latejava em minha mente naquela gelada madrugada, era o que eu mais queria naquele instante. Com um tapa já condicionado, satisfaço minha vontade e silêncio a estridente sirene que grita em meus ouvidos me despertando para o primeiro dia da primavera.

Curiosos raios de sol invadem o quarto pela insignificante abertura da janela, explicitando a existência de uma harmônica dança, sedutora e envolvente, protagonizada por minúsculos pontos de poeira interagindo entre si, se oferecendo aos meus olhos, conduzindo-me à lembranças ainda recentes. Penso reconhecer aqueles passos. A certeza de já ter vivenciado experiência semelhante se depara com a ausência de respaldo concreto de algum resquício ou sentimento físico condizente com tais gestos. Meu imaginário é habitado apenas por imagens imprecisas, preenchidas por sons e cheiros incertos. Vagas lembranças de sorrisos e olhares, leves esboços de sentimentos, não me permitem a certeza de suas existências, pois se confundem com rostos familiares de alunos e de companheiros de profissão.

O Incessante bailado à minha volta parecia ter me conduzido a algum passado recente ou a algum devaneio, não sei... Há tempos esse velho professor não vai a um bom "arrasta pé". A última vez que enfrentei uma música, com o intuito de acompanhá-la com meus movimentos, foi na apresentação do final do ano do grupo de dança da minha antiga faculdade, ou seja, há muitos anos atrás.



A aconchegante voz de Elis Regina preenche todos os espaços de meu pequeno apartamento, enquanto me distraio com a instabilidade dos escuros grãos de café escorregando no coador da cafeteira. Elis canta e encanta, musicando a minha inquieta busca por alguns pães esquecidos. Apenas sacos e potes vazios me respondem. Senti uma estranha necessidade de fazer compras. Apenas um impulso passageiro...

Empresto o jornal do vizinho, esquecido ao pé de sua porta, e vou para a minha polissêmica cozinha, a qual possui, dentre outras funções, a insígnia de "biblioteca", devido às prateleiras recheadas de livros, todos doados pelo meu pai no dia em que embarcou na sua eterna viagem para a Itália. Os compêndios dividem espaço com a empoeirada tábua de passar-roupas, além da movimentada mesa de estudos, jantares, almoços, lanches e sonhos.

Aleatoriamente pego um livro e sento-me junto à ela. Sinto um cheiro estranho no ar. Um cheiro doce de passados, uma mistura de conhecimentos, esperanças, revoltas, indignações e promessas. Este é um lugar sagrado, onde convivem lado a lado, pacificamente, a Comédia e o Drama, enquanto a subversiva Arte zomba da parcial e tendenciosa História. Os gordos volumes de Línguas observam a tudo do alto das prateleiras com um ar arrogante e prepotente.

Neste palco, meu tato e meus olhos se deliciam acariciando as amareladas páginas untadas de leve poeira branca de um pomposo livro de Artes, onde as imagens gritam, falando por si sós, com seus fortes traços e cores. Foi então que deparei-me com a obra de Sandro Botticelli intitulada "O nascimento de Vênus", a qual retrata o surgimento da mitológica deusa Vênus, deusa do amor,



símbolo máximo do erotismo e da beleza. Porém, quando me detive aos detalhes, às minúcias do traço, comecei a questionar o que é o belo.

Meus olhos passearam pelos contornos daquele corpo degustando suas formas e cores. Foi quando questionei se aqueles renomados traços estavam de fato compondo apenas um corpo feminino, ou se eram reflexos de alguns valores, significados e padrões de uma certa época. Ao buscar no passado uma compreensão do contexto em que aquela obra se desenvolveu, da referência de beleza que a embasava e dos padrões sociais reinantes, deparei-me, no labirinto de minhas lembranças, com as inúmeras discussões antropológicas que tive durante toda minha formação acadêmica, onde discutíamos sobre mundos e fundos, passeando por diversas culturas, desde os índios Xingu até o estranhamento de nós mesmos (como somos estranhos!).

Os padrões... Por que existem padrões? Essa pergunta saltitava em minha mente, rodeando minhas idéias, provocando meus conceitos, estuprando a minha razão... Ela foi ganhando força à medida em que fui, gradativamente, sendo povoado pelas imagens dos corpos considerados belos na atualidade. Capas de revistas, programas de TV, fotos publicitárias, a mídia em geral nos "vende" o corpo ideal, constrói no imaginário social as medidas, pesos, roupas e acessórios do dito corpo perfeito, o qual se transforma na grande referência de beleza e saúde para o grande público.

O contraste foi ficando cada vez mais incômodo quando as "mulheres reais" se faziam presentes no meu imaginário ofuscando a perfeição virtual onde os seres não têm volume, são achatados, sem cheiro nem sabor. O brilho que emana desses seres virtuais



a grande dança

resume-se ao reflexo delatante do sol, revelando um universo restrito e limitado, presos em uma bidimensionalidade inatingível. De lá eles nos observam com um sorriso prepotente e vazio, nos esbofeteando com suas formas “perfeitas”.

As mulheres que estão agora em minha mente não possuem as mesmas formas e medidas, e ainda assim são mulheres. Possuem cheiro e volume, e são mulheres. Não possuem aquele falso sorriso, mas sim a expressão do tempo e as marcas da realidade e mesmo assim sorriem a alegria da vida, a alegria de serem mulheres.

Nesse instante, fui bombardeado por lembranças, por mulheres conhecidas e anônimas, das quais um dia senti perfumes, peles e energias. Lembrei-me das mulheres, mães ou adolescentes (ou mães-adolescentes), que perambulam pelas ruas, com seus biotipos, seus sorrisos desdentados e seus cheiros, os quais não lembram nem de perto o cheiro insepito de uma página de papel, mas sim o cheiro de um povo, de trabalhadoras, de mulheres...

O apito da cafeteira interrompe meus devaneios. Levanto-me e vou silenciar aquela criatura agonizante. Pela temperatura do café, já fazia muito tempo que ela estava me chamando. O conforto e a quentura do líquido escuro me conduzem novamente às minhas entranhas.

As imagens que povoaram minhas idéias, provocaram-me um imenso conflito pois explicitaram contrastes estéticos marcantes em que a uniformização e a padronização dos corpos se sobrepõem à pluralidade e à diversidade. É instigante perceber que esses valores se transformam com o tempo, com a região e com a cultura. E ao mesmo tempo é curioso constatar que essas



marcas, padrões, estão inscritos como tatuagens, nas mais diversas formas de expressão de um povo (quadros, esculturas, vídeos, fotos, figuras etc.). Pelo menos é o que me dizia Botticelli, confortavelmente acomodado entre minhas mãos.

Contudo, uma dúvida invadiu meus pensamentos, desconstruindo quase toda minha viagem matutina. Isso realmente é relevante? Por quê um professor mal pago como eu deve “perder seu tempo” tentando entender as diferentes construções de padrões estéticos do corpo feminino no processo histórico? Em que isso ajudaria a minha aula?

E por que o corpo feminino? Parecia me perguntar indignada uma mulher seminua na capa de uma das muitas propagandas de revistas que me cercavam. Tantas perguntas e nenhuma resposta...

Sinto o olhar pesado do relógio sobre minha nuca e, ao retribuí-lo, percebo que estou prestes a perder meu ônibus. A brisa gelada que entra sorrateiramente pela janela entreaberta me obriga a buscar um agasalho, aproveito e pego minha pasta e meu apito. Mais uma semana de trabalho está começando.

Antes de trancar a porta, penso escutar uma risada vindo da “biblioteca”. Deve ter sido o vento... ou apenas o efeito do café num pobre viciado. Não sei. Estou atrasado. Pelo menos é o que me grita insistentemente o relógio...

Desço apressadamente os seis lances de escada do meu desaparelhado prédio e logo ganho a rua. No caminho para o ponto de ônibus percebo muitas coisas diferentes, os outdoors que traziam imagens de mulheres me saltavam aos olhos, as revistas penduradas nas bancas de jornais tinham estampado em suas capas sorrisos hipócritas provindos de garotas “malhadas”, que nos



prometiam uma boa forma instantânea e milagrosa, em letras garrafais. Algo começava a me incomodar...

Ao dobrar a esquina percebo que o ônibus já está parado no ponto, vomitando e ingerindo seres humanos, cumprindo seu ciclo vital. Como hoje ele parecia não demorar para cumprir suas funções viscerais, resolvi iniciar uma rápida e prematura corrida matinal. As portas fecharam-se atrás de mim prendendo meu casaco e, nesse instante, senti-me rejeitado pela barulhenta criatura, como se tivesse sido ingerido a contragosto. Não sei se pelo fato de estar espremido no gelado vidro dianteiro ou simplesmente por não conseguir me mexer. A insuportável dor no meu tornozelo "bichado" explicitava a minha despreparada corrida e não me permitia chegar a nenhuma conclusão quanto a minha crise de rejeição.

Um ponto no centro da cidade serviu de laxante para a primata criatura que se esvaiu num suspiro coletivo. Agora já podia me mexer e respirar. Mancando, passo a roleta com muito esforço após ter minha sonora saudação desprezada pelo cobrador, o qual limitou seu olhar às minhas poucas moedas e continuou sua tarefa automatizada, mecânica. Desmanchei-me em plasma e consegui dar alguns passos em meio a multidão que até então parecia uniforme e intransponível.

Coloco-me ao lado de uma perfumadíssima mulher e de um velho senhor que mal podia parar em pé (posição essa proporcionada unicamente pela multidão que o envolvia). Fui incorporado por essa grande massa e aos poucos moldei meu espaço, ao mesmo tempo em que fui moldado. Apesar do barulho do carro e do trânsito, senti um silêncio incômodo. Foi quando percebi que as pessoas que ali estavam não falavam, não

se comunicavam, não se relacionavam... Observando ao redor, pude ver apenas um enorme rebanho domado e passivo, com olhares tristes e sofridos, carregando em silêncio uma suposta culpa pela sua situação. Rostos que falavam sem palavras, e sem sons expressavam impotência e passividade. Meu olhar passeou por aqueles indivíduos recebendo como resposta apenas desvios e desprezos. Uma resposta momentânea encontrei nos olhos de um jovem que cantarolava em silêncio acompanhando seu walkman. Mas ela logo se desfez no momento em que propus audaciosamente, com um sorriso, que continuássemos o diálogo.

Procurei então ser mais claro e, utilizando-me da linguagem verbal, tentei conversar com a pequena mulher ao meu lado. Comentei sobre o bonito tempo da primavera, e logo recebi como resposta um sorriso e aproximadamente dez minutos de monólogo, onde a falante senhora dissertou desde o tempo, até os últimos capítulos da novela das oito, passando pela família e pelo emprego. Quando finalmente tive oportunidade de opinar nos assuntos por ela levantados, havia chegado seu ponto. Ela despediu-se e foi regurgitada juntamente com outros inúmeros anônimos.

Virei-me então para o outro lado em busca do esquelético senhor, mas não mais estava lá, não sei se foi levado pelo fluxo ou se desceu por livre e espontânea vontade. Em seu lugar estava um jovem estudante universitário, o qual, desprezando minhas tentativas de interlocução, mudou rapidamente de lugar, deixando-me o silêncio como resposta.

A indignação tomou-me por inteiro. Comecei a questionar-me sobre o paradeiro das relações humanas. O que aconteceu conosco? As pessoas não mais se olham, tão pouco conversam



entre si, e sequer se cumprimentam. Contatos físicos estão se resumindo a acasos e esbarrões. Olhares se evitam e vozes se calam. Há um misto de medo e desprezo pelo outro, uma desvalorização e um desinteresse pela riqueza e idiosincrasia do universo alheio. Um individualismo estúpido, prepotente e cego invadiu nossos costumes.

Neste instante lembrei-me de uma palestra que assisti há algum tempo atrás, onde soltaram uma frase que me marcou muito, pois a priori questioneei a sua veracidade:

*"O que faz as pessoas existirem, criarem corpos, são as relações"*¹.

Tendo a acreditar nessas palavras diante de tudo o que passei e vivi. Essas pessoas que me rodeiam nesse momento realmente existem...? – o trepidar do ônibus e a revolta me trouxeram resquícios de discussões adormecidas em meu peito, fazendo com que turbilhões de idéias e frases jorrassem em minha memória.

*"A mediação com o mundo (coletivo e interpessoal) está sendo feita através dos aparelhos tecnológicos, criando assim uma virtualização das relações"*².

Foi então que inúmeras imagens me invadiram, todas eram cenas cotidianas onde o ser humano travava relações com uma máquina ou utilizava-se de uma para relacionar-se com seus iguais. Caixas eletrônicos nos bancos, computadores, internet, televisão, aparelhos de som, microfones, telefones, guaritas, portas e portões computadorizados onde recebemos sonoras saudações de vozes não-humanas... Será que isso tudo seria a causa do individualismo doente em que vivemos? Será que nos acostumamos? Ou melhor, será que desacostumamos com o ser

humano? Ou temos medo dele? Tantas perguntas e nenhuma resposta...

Uma freiada brusca e os palavrões que ecoaram no interior do monstro de aço, trouxeram-me de volta à realidade. Lá fora uma estranha paisagem denuncia que meus pensamentos viajaram por muito tempo: passei meu pontol

(...)



NOTAS

¹ SANT'ANNA, Denise. Palestra proferida sobre o tema Corpo, História e Esporte na FE/UNICAMP promovida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Áudio-visuais – OLHO em 26/05/1999.

² SANT'ANNA, Denise. *op. cit.* 1999.

FIG. 02



prisões



"A imagem e o uso do corpo, estreitamente subordinados às necessidades socioeconômicas, dependentes de relações de domínio, organizam a pedagogia..."
(SILVA, Ana Márcia. 1999, p.22)

II

prisões



*

Gotas escorriam pela minha pele. Os gélidos ventos matutinos perderam sua imponente ao contrastarem com o calor que me abraçava por baixo daquele agasalho. Os suspiros ofegantes e ritmados denunciavam a minha segunda corrida matinal, agora uma corrida claudicante devido meu tornozelo recém "re-machucado".

O percurso desconhecido fez com que a realidade que me circunscrevia saltasse aos meus olhos, pois cada detalhe poderia ajudar-me a encontrar o rumo para meu destino daquela manhã que, devido a devaneios, se encontrava a alguns distantes e intermináveis quarteirões. O descolorido do aço e do cimento tomou meus olhos que, em desespero, buscaram refúgios nas poucas flores, prenúncios da estação, das poucas árvores existentes nas "civilizadas" ruas que percorria.

O doce e suave vento que caminhava pelos corredores formados pelos inúmeros e colossais prédios parecia questionar-me o motivo do isolamento e da relutância de contato demonstrada por alguns de minha espécie. Apenas compreendi a pergunta quando pude observar silhuetas sonolentas indiferentes observando o movimento das ruas, protegidas dentro de seus carros ou apartamentos. Lá de dentro de seus microcosmos, admiravam com desdém o ir e vir frenético dos sonâmbulos andarilhos anônimos que desfilavam à sua frente. Seus olhares passivos me chegavam como um filme em câmera lenta, esquadrihados pelos frisos e batentes de suas janelas, as quais, ao refletirem o recém nascido sol evidenciavam a existência de uma lisa superfície, até então transparente, que dicotomizava o mundo em



duas realidades: dentro/fora, limpo/sujo, quente/frio, inodoro/poluído, meu/deles, protegido/inseguro...

A falta de ar, reforçada pelos gritos desesperados de meu tornozelo, fizeram-me parar, não por acaso, ao lado de um pequeno arbusto enfeitado por pequenas e escassas flores amarelas. "Cosmos" sussurrou-me, do fundo de minhas lembranças, minha professora de Ciências do primário. Esse era o nome daquela mágica flor que sorria para mim um sorriso sincero e contagiante. Ela é mágica pois com a sua simplicidade encanta a todos e seduz até o mais pobre e desaparelhado arbusto jogando sua cor e suas esperanças na terra, onde acaba florescendo sem muitos recursos. Cosmos...

Ainda seduzido pela única cor daquele ambiente, com um sorriso no rosto, a poucos centímetros daquelas formas harmônicas, faço uma pergunta indignada que sai com um tom esperançoso:

- Cosmos, por que vivemos numa sociedade tão individualista?

Suas pétalas vibraram com o som da minha voz. Parecia que tinha a intenção de responder-me...

- Cada sociedade, em cada época, define o padrão de corpo condizente com os valores e projetos da classe dominante.

A voz rouca rompeu com o silêncio dos meus ouvidos, subindo pela minha coluna como um calafrio. Subitamente virei-me para descobrir quem era o indivíduo que havia articulado essas palavras, lançando-as no ar.

Deparei-me então com uma imagem descomunal da seminua "tiazinha do H", protagonista de um programa de variedades da televisão. Um imenso outdoor expunha seus contornos com uma estúpida ênfase ginecológica, anunciando,



juntamente com alguns proporcionais dizeres, a sua aparição na próxima edição de uma revista periódica masculina. As proporções gigantescas me atordoaram. Creio nunca ter chegado tão próximo de um outdoor como esse antes.

Parecendo perceber minha admiração e perplexidade a voz se fez presente mais uma vez:

- As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável.

Dirigi meu olhar atônito para as diversas latas de lixo que se encontravam logo abaixo do monstro de madeira, pregos, papel e cola. Porém não consegui enxergar nada de anormal, apenas grandes montanhas de lixo com todos os seus repugnantes componentes. Com enorme receio de me fazer ridículo olhei para todos os lados, buscando a certeza da ausência de olhos vigilantes e delatores, e arrisquei uma pergunta trêmula e vaga, fingindo não ter compreendido:

- O que você disse?!

Antes que o sentimento de insanidade me invadisse pude observar algo se movendo entre as latas e, ao aproximar-me, vi o que meus olhos custaram a acreditar... Deus! Era um ser humano. Enrolado em intenções de vestes, sorria para mim evidenciando ausências. Ausência de recursos, assistência, higiene, dentes... ausência de ser humano. Mas ao mesmo tempo seu sorriso transmitia confiança, serenidade e esperança.

No sorriso paradoxal daquele sujeito pude ver inscritas as contradições de nossa sociedade. Ali estavam elas, em alto relevo escritas com sangue, pus e barro. Seus solitários dentes escuros pareciam refletir sua vida, pois mesmo sujos e maltratados eles



resistiam às intempéries do mundo, mostrando-se à sociedade que ao mesmo tempo em que os ignora, se incomoda com sua existência. Ambos serviam apenas para triturar o lixo e decorar os lugares mais sujos e vazios da cidade, onde se fixam e, vez ou outra, se mostram sorrindo para os transeuntes.

- Naomi Wolf¹ disse, não eu! – respondeu-me com tom jocoso, complementando logo em seguida – naquele livro “O mito da beleza”... O senhor não leu?

- Não... – respondi completamente atordado.

Foi então que o ser raquítico e barrigudo, vencendo as mais básicas leis da física, se pôs de pé, osso sobre osso (visivelmente), envolto em trapos revelou inúmeras feridas vivas e cicatrizadas; mancando veio em minha direção.

- Pois recomendo. Neste livro ela traz uma discussão muito interessante sobre a construção de um padrão estético de beleza... – continuou ininterruptamente a falar ante à minha face paralisada de admiração. Meus pensamentos não permitiam que eu escutasse todas as suas análises e recomendações, pois buscavam algum indício de lógica e coerência naquilo tudo que estava acontecendo.

Suas palavras foram entremeadas por uma badalada distante provinda de um sino de alguma igreja, o qual anunciava a chegada de seus ponteiros em algum de seus marcos temporais. Com o canto dos olhos tentei visualizar suas torres, buscando um possível conforto. Mas minhas esperanças desabaram, assim que constatei que o relógio apontava para às sete e meia. Minha aula já havia começado... mas sem o professor.

Com um rápido e simples gesto me fez entender. Logo o sujeito compreendeu meu atraso, percebendo o desespero que a



fraca e longínqua badalada havia me provocado, interrompeu sua fala e, com um simpático e desconcertado sorriso, perguntou-me:

- O senhor é técnico de algum clube?

A pergunta invadiu minha mente chocando-se com os rostos de meus alunos da primeira turma daquele dia, os quais ocupavam meus pensamentos justamente por não estarem presentes; desfocando-os, ela se ofereceu à minha atenção como uma prostituta, causando-me um atordoante embaraço e um silêncio momentâneo.

- Não. – respondi curioso pelo julgamento a que fui submetido precocemente. E com meus calcanhares puxando-me para trás, sugerindo o fim da conversa, isto é, do monólogo, indaguei curioso:

- Por que você acha que sou?

Com um resto de sorriso nos lábios, começando a se virar para a sua longa e arrastada jornada até seu ninho de papelão, respondeu-me:

- Desculpe-me, mas foi o que me disse o seu apito e seu agasalho.

- Sou professor... e estou muito atrasado – disse alto o suficiente para poder vencer a distância que agora me separava dele. Apenas meu nariz ainda observava a figura esquelética que se deslocava lentamente, enquanto todo o meu corpo já havia iniciado minha terceira corrida matinal. Creio que ele não tenha escutado meus agradecimentos, pois, apesar de meu grito, eu já havia alcançado a esquina.

Novamente estávamos bufando desesperados, eu e meu tornozelo, quando adentramos os portões do colégio. Uma imensa porta de madeira obstruiu minha passagem – estava trancada. A



interminável demora do porteiro e os decrescentes intervalos entre meus toques na campainha possibilitaram a recuperação de meu tornozelo e a normalização do meu fluxo respiratório. Minha espera potencializou minhas reflexões, as quais cavalgaram pela realidade que me cercava, trazida pelos ventos que ali visitavam.

Os altos e cinzentos muros ornamentados com inúmeras e intimidadoras grades, contrastavam com a razão social daquela instituição educacional. Aos poucos o real se construía diante de mim. As imagens, sons, palavras, pessoas, atitudes... todos os estímulos que chegavam, vinham reforçar e confirmar a triste impressão que tive quando os tijolos e os ferros me viram adentrando seu território. A realidade era cinza como os muros e agressiva como as grades.

Logo um presídio me veio à mente, trazido pelos gritos insanos e delinqüentes de uma carcereira que empurrava aos tapas os presidiários para dentro de suas celas, e lá tinham seus corpos anulados e reprimidos, enfileirados em posição servil, esperando um "monitor" que supostamente viria alimentá-los. Trazendo alimentos selecionados e triturados a fim de facilitar e proporcionar uma boa digestão.

Em minha lembrança, um subversivo sorriso ganhou uma imaginária sala de aula denunciando a injustiça que ali se consumara. "Injustiça" pelo simples fato de que a existência de um sorriso tinha adquirido conotação subversiva e não de cotidiano, isto é, o sorriso é subversão, é um atentado à "ordem" e não um fator constituinte do processo. Agora isso pouco importa... pois ele logo se perdeu no rosto do menino, vencido pelo olhar intimidador do indivíduo mantenedor da ordem.



Uma estridente campainha anuncia a hora do banho de sol, libertando os corpos dos detentos que numa explosão incontrolável constroem a barbárie. Enclausurados por uma estrutura de aço e concreto, a qual esconde seus horizontes, eles dividem seu tempo entre brigas, relacionamentos, músicas, esportes, lanches ou simplesmente o silêncio solitário banhado pelos raios de sol... As grades voltadas para dentro constroem uma redoma imaginária, ilustrando claramente a intenção de sua existência: ninguém sai!

Logo o som da campainha perde sua imponência, pois divide espaço e tempo com os gritos de ordem que impõem o retorno às celas. Tempos depois os resquícios de um caos são visíveis por todo o pátio. O desrespeito com o "público" fica claro e evidente nos restos das merendas que momentos antes, quando não serviam de protagonistas dos jogos de futebol, foram simplesmente esquecidas em algum canto de onde observavam tudo com um olhar impotente.

O recente silêncio que até então pairava sobre os destroços do pátio é quebrado apenas por indivíduos que tiveram suas celas esquecidas pelos seus vigias e vagavam sem direção, incitando a gênese de mais um possível caos.

O barulho da porta se abrindo dispersou meus pensamentos e trouxe-me para o presente, onde a barba grisalha e experiente de "seu" Leonardo sorria para mim pela pequena janela da porta. Assim que se abriu corri em direção à quadra, sem esperar a resposta do porteiro aos meus sonoros cumprimentos e saudações.

Sete e quarenta, me dizia meu coração acelerado e palpitante, quando avistou o professor substituto com o dedo em riste, tocando o nariz de um assustado aluno que retribuía a prepotente atitude com lágrimas.



- Bom dia! – arrisquei em defesa do pobre menino que, aproveitando o desvio da atenção do carrasco, salu em disparada.

Olhando para mim, o professor se recompôs, enxugando a ponta de seu dedo discretamente em sua calça, e respondeu-me:

- Bom dia... Devido ao seu atraso, a coordenadora me instruiu para que eu assumisse a turma... e eu já o fiz.

- Percebi... – respondi com ironia e indignação. Não pela atitude, mas pela aula. Pois não sei se poderia chamar o que vi de “aula”... Na única e desaparelhada quadra os meninos se enfrentavam numa agitada partida de futebol, enquanto as meninas dispersas descansavam ativamente dos seus recentes 25 minutos de glória, quando imperaram sobre aquele cimento mal delimitado, vigiadas pelas imponentes grades.

Ironicamente, fingindo ingenuidade, perguntei:

- Qual conteúdo você está trabalhando hoje?

Desconcertado ele se apressou em responder, percebendo minha inquietação diante do caos instaurado à nossa volta.

- Ahn... trabalhei alguns fundamentos do futebol e agora liberei-os para um “rachão”... É que a aula já está no final, pois demorou para começar, afinal não sabíamos se o senhor viria ou não... – tentou alfinetar-me.

Enquanto aguardávamos o fim da primeira “aula”, começamos a conversar sobre Educação Física e sua realidade, e logo estávamos falando de forma mais geral em Educação e no Ensino Público. Foi quando as contradições afloraram, evidenciando o descaso e a apatia daquele profissional, pois ao mesmo tempo em que possui um discurso moralista com os



alunos, e fantasia-se de profissional audacioso e engajado, tem uma prática no mínimo questionável.

Os pouco minutos de nossa conversa foram suficientes para admitir que “nada faz, não é cobrado por ninguém e recebe quase nada”. Pude perceber que o desestímulo é enorme e contínuo, pois é constantemente retroalimentado, se configurando num ciclo mortal no qual a qualidade do ensino foi historicamente sucateada, através do desaparelhamento e desinstrumentalização das instituições e de seus profissionais, os quais, por sua vez, não se vêem como agentes históricos ativos, mas sim como componentes incapazes e passivos de um processo inexorável regido por uma lógica determinista. “O que posso fazer?” bradam aos ventos. Infelizmente este discurso encontra ressonância e respaldo nos inúmeros profissionais das mais diversas áreas da instituição em que trabalhamos, formando um grande coro de lamentações. Todo o planejamento e discussão perdem o valor diante do desrespeito demonstrado pelos profissionais para com as suas próprias atuações e responsabilidades.

O estridente sinal confunde-se agora com os gritos de ordem do professor que convoca a presença da bola em suas mãos em meio ao caos do fim da aula. E logo desaparece engolido pela porta de nossa pequena sala de materiais. Em poucos minutos o corredor está regurgitando alunos para o pátio que, como uma enchente, inundam a quadra com seus gritos e seus sorrisos, exteriorizando o sentimento de liberdade que tomou seus corpos.

Agora não mais necessitavam permanecer em posição servil, pois ganharam o espaço, onde podiam expressar-se verbal e corporalmente. Não estavam mais presos. Cada gesto e atitude vinha para confirmar esse fato, contudo, algumas vezes com



desrespeito ao outro. Acredito que isso se deva a sua falta de costume com esse exercício de convivência coletiva, no qual não é a "ordem" que deve imperar, mas sim a harmonia. Não uma harmonia ingênua, baseada na anulação das diferenças, visando a uma homogeneidade medíocre. Mas sim uma harmonia que justamente se baseie nessa diferença, que cresça e se desenvolva na tensão existente entre as singularidades dos seres humanos, pautando-se no diálogo entre as inteligências. Construindo assim uma relação (uma co-relação) de forças dialógica, uma "relação de composição", onde não há cartesianismo nem degradação, demonstrando que as relações de forças não são sempre relações de dominação².

A 5ª série C já ocupava, de forma dispersa, toda a limitada quadra, quando interrompi meus devaneios e propus que iniciássemos a aula. Logo algumas meninas se adiantaram ao grupo em minha direção, apresentando um pedido para serem dispensadas.

- Qual o motivo? – perguntei ocupado com a divisão dos grupos da aula e, conseqüentemente, desatento para as três figuras que me cercavam.

- Nós não tá se sentindo bem. – responderam em jorral.

Foi quando dirigi minha atenção às meninas não podendo deixar de perceber suas vestimentas singulares que destacavam-se dos outros. Minúsculas saias e blusas delineavam os frágeis corpos infantis e, colabadas em suas peles, questionavam o sexo do indivíduo a que serviam, pois não encontravam respostas na ausência de formas e volumes a lhes moldar. Seminus, expostos, os corpos clamavam por liberdade, choravam para serem crianças novamente.



Equilibradas em seus sapatos plataforma perceberam meu olhar perplexo e buscaram reforçar seus pedidos:

- Tâmo dispensadas? – repetiram com mais ênfase.

Voltando-me para elas, ainda indignado, perguntei:

- O que vocês estão sentindo?

- Tâmo com indisposição geral... – justificaram-se, agora bem mais distantes, dirigindo-se para fora da quadra, abraçadas.

O contraste proporcionado pela vivacidade do azul e rosa de suas vestes com suas peles irritou meus olhos, enfeitiçando-os. A sexualidade sugerida pelas diminutas roupas não condiziam com meus conceitos ingênuos e esperançosos da imagem de uma criança. Vendo seus desajeitados rebolados impostos pelos incoseqüentes saltos e seus cabelos artificialmente descoloridos, fingindo um falso louro, fui tomado pelas palavras e pela figura daquele pobre mendigo que, dançando com as palavras brincou com minhas dúvidas, incomodando minhas certezas. Suas afirmações incisivas retornaram à minha mente enquanto via, impotente, as pequenas mulheres saindo pelas grades em meio a risos, cantos, danças e brincadeiras, levando em suas mãos uma pequena boneca, a qual mais parecia uma quarta integrante do grupo, devido suas características similares às das gigantes manipuladoras.

Aquelas figuras louras, seminuas e saltitantes sugeriam às minhas lembranças a imagem da famosa apresentadora de televisão "Xuxa". E logo me veio à mente um livro homônimo³ que certa vez li sobre ela, pois naquele momento vi seus escritos se concretizarem em minha frente, dançando e provocando minha indignação.



Xuxa configura-se em um dos maiores ícones reacionários contemporâneos, pois toda a sua história, discursos, atitudes, roupas, expressões e comportamentos foram construídos com o intuito de reforçar um *status quo* de uma sociedade machista, racista e falso moralista. Aos mais desavisados serve como personificação do "ideal" de mulher, pois sua imagem, além de reforçar elementos de agressivo erotismo através de um comportamento sensual, corteja os interesses masculinos com a constante exposição de suas desejadas e bem torneadas coxas, reforçando assim o seu não tão distante passado na mídia-erótica; representa uma submissa domesticidade assumindo o papel de babá, a "rainha dos baixinhos".

Todas essas representações são coroadas com seu biotipo "ariano-superior" (branca e alta com olhos e cabelos claros), permeado por uma personalidade ingênua-infantil, conquistando assim pais, mães, filhos e filhas. Ora por projeção, ora por idealização, ora por desejo... pois ao mesmo tempo que contribui para a construção de um padrão estético de beleza na sociedade, ditando e controlando, de certa forma, o comportamento e atitudes das mulheres, também reina absoluta no seduzido imaginário do público masculino ⁴.

"[...] Xuxa transmite a idéia de que a exibição do corpo é característica fundamental da identidade feminina" ⁵. Esse trecho rememorado voltou a incomodar-me pois evidenciava-se, saltando-me aos olhos, a cada passo dado por aquelas pequenas mulheres que, com suas vestimentas, pareciam celebrar a "sensualidade da mulher brasileira". A boneca em suas mãos, que parecia receber mais carinho do que as próprias colegas, era *"Barbie - o brinquedo mais popular da história"* ⁶. Suas medidas



inumanas, anatomicamente improváveis, aos meus olhos pareciam ofender as crianças à sua volta pois lhes impunham um padrão, um desejo, impossível de ser atingido algum dia. *"Xuxa e Barbie são ícones que realimentam uma definição social de beleza feminina e perfeição, (...) e a lição fundamental que se aprende com elas é a de não estar à sua altura"* ⁷.

O reflexo do sol nas madeixas descoloridas de raízes escuras das, agora distantes, cabeleiras me perguntava o motivo dessa democratização louca que se construiu na cabeça das mulheres e da sociedade. Sem dúvida essas duas personagens sociais têm suas influências nesse processo, contudo o padrão louro *"é sintomático e não prescritivo"* ⁸. Numa sociedade construída sobre o racismo e a discriminação, os seus ídolos condizem com um padrão coerente com os ideais e valores impostos pela classe que domina os meios de comunicação de massa, *"com suas imagens brancas de poder, sucesso, inteligência e beleza"* ⁹, mesmo o Brasil sendo um país-negro¹⁰.

Essas contradições tentam ser camufladas e negadas por um dissimulador processo de "naturalização" que tem como intuito, *"não neutralizar seus efeitos (discriminação racial), mas sim fazer com que eles pareçam desaparecer"* ¹¹, encenando assim uma falsa "democracia racial" ¹².

"A forma como as pessoas são representadas pelos meios de comunicação de massa irá exercer algum tipo de influência (mesmo que apenas de reforço) sobre o modo de ser (como acham que podem e devem se comportar) em sociedade" ¹³. Essa frase de Barry King que li na epígrafe de algum livro ano passado, começou a fazer mais sentido diante daquela cena que presenciei protagonizada pelas três "xuxetes". O livro descreve o



Brasil como o país que mais assiste televisão dentre os subdesenvolvidos, ou seja, aquele que está mais propenso e exposto às imagens televisivas difundidas com todos os seus valores e estigmas, os quais *"reforçam a auto imagem negativa dos afro-brasileiros, que são ou inexistentes ou retratados em papéis estereotipados"* ¹⁴.

Uma forte e seca pancada me acertou a nuca e trouxe-me de volta novamente para a quadra. A descascada bola descansava agora junto aos meus calcanhares, após ter o som repetitivo de sua queda ecoado pelo silêncio que então reinou no ambiente. O medo por terem acertado o professor calou a algazarra em que havia se transformado aquela aula sem direção.

Não estou conseguindo me concentrar no que faço. A todo instante estou sendo invadido por idéias e palavras que me levam para uma viagem paralela, distante... Preciso me policiar mais! Afinal minhas aulas têm que acontecer.

Aproveitando o silêncio tento organizar alguma atividade que havia planejado para ocupar o pouco tempo que me resta. Não mais podia enxergar as meninas, pois haviam se misturado com os inúmeros anônimos que se espalhavam pelo pátio devido às suas "aulas vagas".

Mãos à obra. Tenho ainda muito trabalho pela frente.

- Turma, junte aqui!

(...)



NOTAS

- ¹ WOLF, Naomi. O mito da Beleza, 1992.
- ² SANT'ANNA, Denise. *op. cit.* 1999.
- ³ SIMPSON, Amélia. XUXA, 1994.
- ⁴ As idéias aqui tratadas são discutidas no capítulo "Mitos de Beleza e Mitos de Raça". SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 21-52
- ⁵ SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 45
- ⁶ Segundo SIMPSON, Amélia (*op. cit.* 1994) o modelo original da boneca foi baseado numa "garota de programa" alemã e era vendido para os homens em bares e tabacarias, ou seja, era um brinquedo sexual para adultos. p. 16
- ⁷ SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 16
- ⁸ SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 15
- ⁹ Segundo a pesquisa de Amélia Simpson, em 1988, uma análise sobre imagens de negros na propaganda revelou que, num grupo de 203 anúncios na televisão e em revistas de divulgação nacional, inclusive *Veja* e *Manchete*, os negros apareciam em apenas nove, e três desses anúncios eram campanhas do governo, de recrutamento militar ou de vacinação. Entre os seis restantes, os negros apareciam em grandes grupos, dissociados do produto anunciado, como que para evitar "contaminá-lo", ou mostrados "no seu lugar", como se diz, ou seja, artistas ou trabalhadores braçais.
- ¹⁰ O Brasil é o país com a maior população negra fora da África. SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 45
- ¹¹ Metade da população brasileira possui ancestrais africanos, contudo a raça é definida por uma complexa escala de gradação, a qual utiliza-se de mais de 120 palavras diferentes a fim de evitar o termo "negro".
- ¹² "Os principais dogmas da democracia racial são a ausência de discriminação e de preconceito racial, o que, por consequência, implica em oportunidades iguais sociais e econômicas para brancos e negros. Os fundamentos da democracia racial são mais do que uma simples questão de fé, pois as crenças assumiram o caráter de mandamentos: '(1) Em nenhuma circunstância deve-se admitir que existe discriminação racial no Brasil; e (2) qualquer expressão de discriminação racial que possa surgir, deve ser combatida como não-brasileira'.". SMITH, T. Lynn *in* Brazil: People and Institutions. *apud* SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p.39
- ¹³ KING, Barry. *apud* SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 21
- ¹⁴ HASENBALG, Carlos. *apud* SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 43

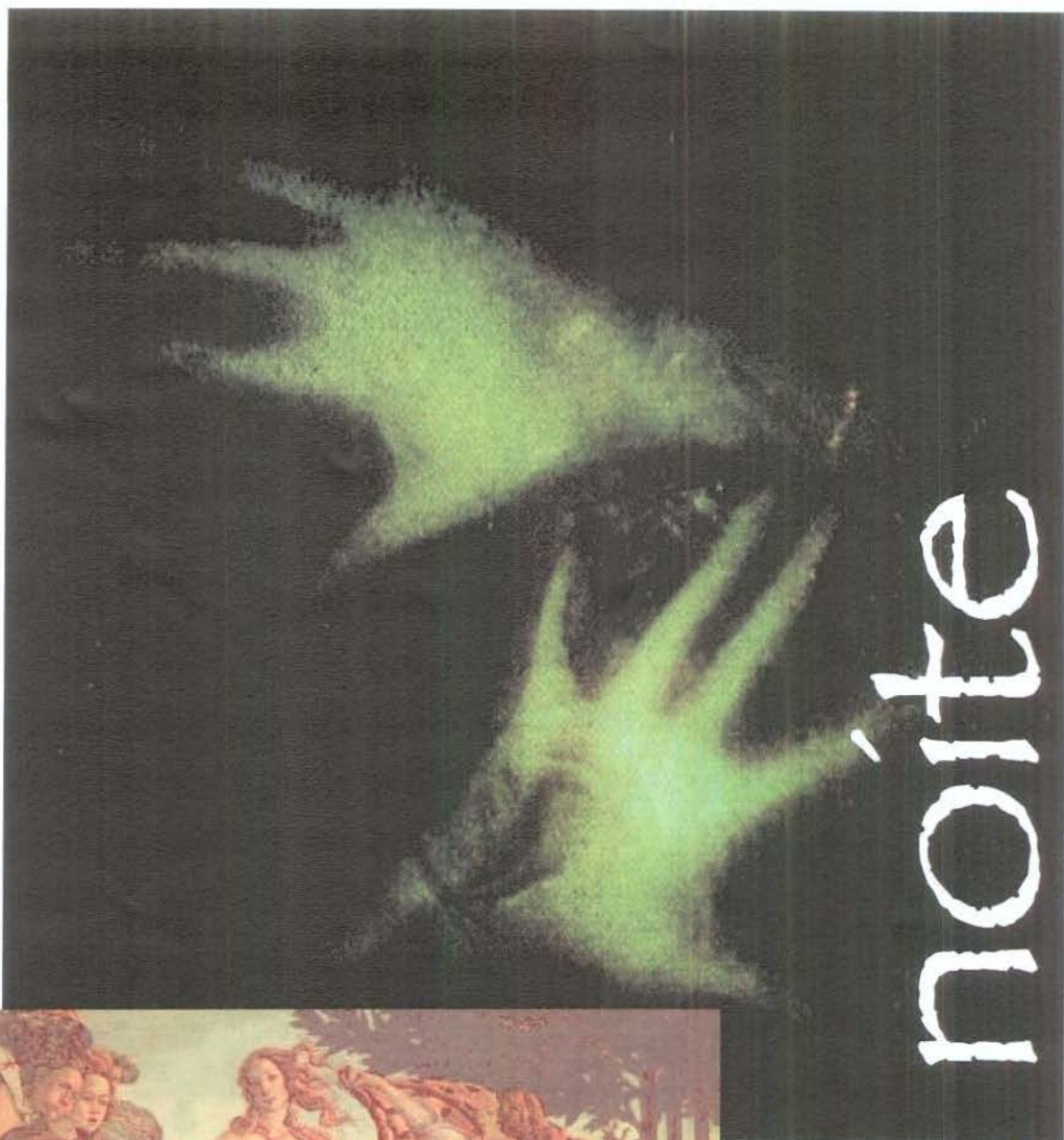
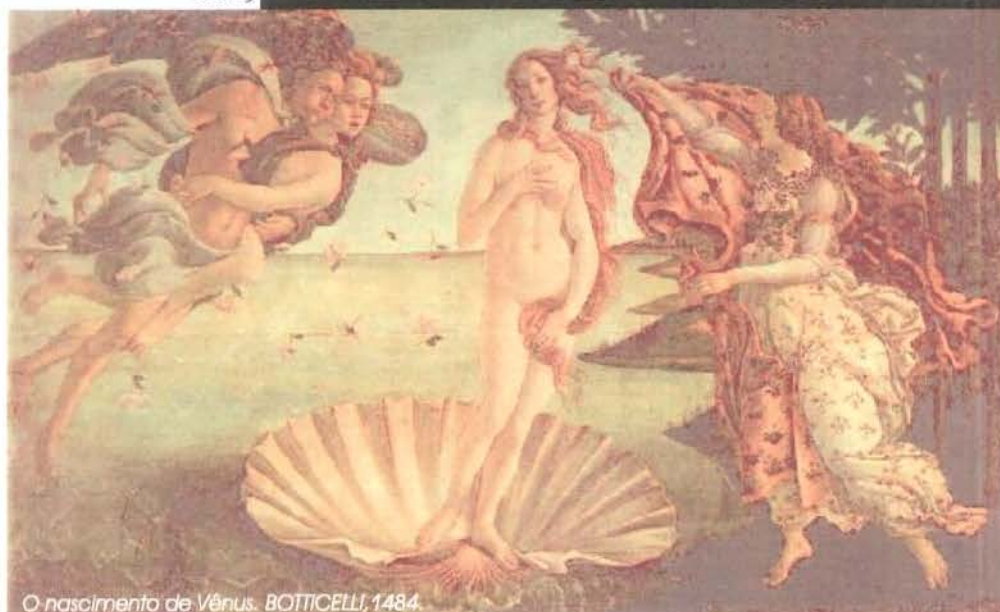


FIG. 03



O nascimento de Vênus. BOTTICELLI, 1484.

Cosmos

Seu nome vem do grego kosmos e tem um sentido de perfeição, beleza, equilíbrio. Sua delicada folhagem e as graciosas flores em tons de amarelo e laranja fazem dela uma das plantas preferidas para colorir canteiros de jardim. O cosmos-amarelo é nativo do México, pertence à família das compostas e cresce até 90 cm de altura. Seu nome científico é *Cosmos sulphureus*.

luzes da noite

III

*

O barulho da chave girando soou-me como um alívio. Finalmente a porta aceteu-a e permitiu que eu entrasse no pequeno espaço protegido com solidez e teimosia. Um odor familiar tomou-me as narinas. O doce cheiro alertou sobre meu esquecimento: as janelas ficaram abertas. O provocante perfume de tortas ocupou todo o limitado espaço de meu pequeno apartamento, anunciando o árduo trabalho de minha vizinha. O estímulo serviu apenas para reanimar minha memória e instigar-me novamente aquela momentânea vontade de fazer compras.

Os pesados papéis em minhas mãos me levaram condicionadamente até minha plural mesa de "estudos", onde finalmente pudemos nos desmanchar. Eu e eles nos esparramamos pela cozinha como que implorando por descanso. Um recheado dia de aulas, reuniões e devaneios nos pesava sobre as costas doloridas. Com o resto de minhas forças convoco a inspiradora presença de meu velho Raul Seixas, o qual invadiu meus ouvidos momentos depois que os olhos da fita cassete começaram a girar no aparelho de som. Sua voz rouca e bêbada descreve minha vida enquanto ajeito-me à beira da mesa, acompanhado de minha última cerveja, e folheio os documentos e recados da semana passada que haviam dormido no meu escaninho da escola.

*"(...) dois problemas se misturam: a verdade do universo e a prestação que vai vencer (...) "*¹. Raul ecoava na cozinha enquanto meu "holerith" se abria para mim, mostrando-me a dura realidade através dos minúsculos números datilografados que, infelizmente, ditarão como será meu próximo mês.



Um pequeno envelope azul escuro, marcado por letras douradas e graciosas, destacou-se da caótica pilha de papéis, como se implorasse a carícia de meus olhos. Sem cerimônias realizei seu desejo, salvando-o do esmagamento eminente em meio aos outros desgostosos documentos. Deparei-me então com um pomposo convite, e ao abrir-lhe as fronteiras pude identificar suas razões e seu remetente; uma festa viria a ser realizada no fim do mês, com a intenção de reunir novamente toda a antiga turma da faculdade em um desaparelhado clube na saída da cidade. As marcas escuras e harmônicas daquele opaco papel convocavam minha presença no nostálgico evento.

Vários sorrisos, lágrimas e lembranças iluminaram meus olhos, enchendo-me de rostos e saudades, alegrias e sofrimentos, amores e irmãos, brincadeiras e trabalhos...

Um gordo bloco de sulfite atraiu meus marejados olhos por ser o único volume compacto e organizado, em meio aos raquíticos e dispersos ofícios. O angustiado abraço de um clipe unia à sua frente um insignificante papel que, com suas margens imprecisas, identificava seu criador.

"Vinícius", diziam as mal traçadas linhas signatárias, concluindo alguns dizeres.

("Este é mais um substrato para nossos devaneios.

Sem alimento os seres morrem. E por entender a discussão como troca de idéias vivas e dinâmicas, lhe trago aqui palavras lindas e saborosas já devoradas por mim, mas ainda em processo de digestão. Sei que sua mente e suas colocações são as 'enzimas' necessárias para um melhor aproveitamento desse processo. Espero assim estar temperando nossos eternos debates com muito sabor/saber.

Bom apetite!”)

O título do texto trazido por meu parceiro de trabalho foi desmascarado pela retirada do disforme bilhete, especificando a qual discussão ele se referia. *“Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional”*. O angustiado clipe, que ainda deixava suas marcas sobre o papel, parecia anunciar o tema de nossa remota discussão apontando para a palavra “Modernidade”. Vini sempre culpou a Modernidade e a racionalidade por uma série de fatores, porém nunca possuiu um grande respaldo para seus argumentos, portanto creio que esse texto venha com esse intuito. Uma ótima leitura para meu fim de semana...

A dor no meu estômago lembrou-me de algo mais urgente, trazendo-me para os objetos que estavam à vista sobre a mesa. Além dos papéis, apenas meia cerveja quente me respondeu, enquanto sacos e latas vazios brincavam com a ânsia e o desespero de duas succulentas baratas... Deus! Preciso fazer compras urgentemente!

Esse momentâneo e repugnante pensamento me conduziu novamente à imagem do mendigo intelectual que conheci hoje. Além de minha inútil visita à sua morada de papel entre as latas de lixo, quando o sol já se punha no horizonte, iluminando seus vestígios e sua ausência. Suas palavras me marcaram e ainda pulsam em meus pensamentos.

“Cada sociedade, em cada época, define o padrão de corpo condizente com os valores e projetos da classe dominante”.

Corri os olhos pelas prateleiras buscando o livro de Botticelli que havia folheado pela manhã. Romances, poesias, crônicas e livros técnicos tentaram distrair-me, parecendo querer ocultar a

existência de tais imagens. Minha busca chegou ao fim quando, na altura de meu nariz, ele se revelou, esmagado entre a parede e o onipresente "Grande irmão" de George Orwell². Retirei-o com delicadeza e, da mesma forma, comecei a despi-lo página por página em busca de minha musa. Não demorou muito para aparecer imponentemente acima de sua gigantesca concha. Seus traços agora já me despertavam outros sentimentos, a curiosidade por saber quais os valores refletidos ali aumentava cada vez mais.

"As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável."

Quem disse que Vênus é linda? Ou melhor, quem dizia que ela era linda? Quais e de que classe eram os valores que ditavam os padrões da época? Suas pálidas mãos parecem querer esconder não apenas suas partes íntimas, mas também a sugestão de padrões que representa. Seu flácido braço busca, sem muito êxito, cobrir-lhe os pequenos seios enquanto a sua imensa cabeleira loira delineia seu corpo, abraçando sua grossa cintura, tapando-lhe o sexo. Possui uma expressão receosa e desconcertada, enquanto sua pele alva e seus olhos e cabelos claros parecem refletir muito mais do que apenas a luz do ambiente...

No chão logo ao meu lado, exibiam-se inúmeras imagens de mulheres, carros e aparelhos domésticos. Tomei em minhas mãos aquele encarte, caído do interior do jornal do vizinho, e logo constatei que se tratava de um catálogo de programas para assinaturas de revistas, no qual podia se ver inúmeras capas, promoções e prestações. Imediatamente meus olhos foram

atraídos por um ícone protagonizado por uma loura de proporções chamativas. A comparação se fez inevitável.

A única coisa que suas mãos buscam evitar é que as plumas que a cercam venham a esconder seu corpo. Sua posição busca evidenciar suas nádegas, valorizando-a ao oferecê-la ao leitor, juntamente com seu sexo. A fala de seus olhos e de seus lábios tem a intenção de nos remeter à uma infantilidade desajeitada, configurando uma falsa expressão ingênua, a qual ganha uma conotação estritamente erótica uma vez que vem complementar a posição servil, curvada. Seus músculos evidentes e torneados, sob a pele bronzeada dão a tônica para o padrão. Mas a quem ele atende? Quais os valores que construíram esse corpo? Tenho eu culpa de achá-lo maravilhoso? Estaria assim contribuindo para perpetuar a atual classe dominante, bem como seus valores implícitos? Mesmo sem sabê-los? Tantas perguntas e nenhuma resposta...

Coloco as simbólicas senhoritas lado a lado e ocupo-me com as comparações, deslocando minha atenção por cada traço e expressão. Logo as minhas pálpebras pedem descanso escurecendo lentamente as imagens à minha frente. Fecho o livro deixando o alegórico encarte marcando a página de Vênus, pois assim, frente a frente, elas terão toda a noite para conversarem e explicitarem suas diferenças.

Raul se cala dando a deixa para eu me levantar. O caminho para a cama parecia escuro e complicado, apresentando inúmeros obstáculos intransponíveis devido à minha embriaguez, a qual desconhecia a sua própria origem, que talvez fosse o recente adiantado da hora, ou simplesmente fruto da tranquilizante cerveja, ou até quem sabe filha de uma enebriante relação



amorosa entre os dois. Contudo, isso não importava nesse instante, pois ela se sentia órfã, e eu sentia na carne por isso.

Uma insuportável dor dissipa nossa dúvida. Sinto um formigamento começando na ponta de meu pé e subindo até a altura do joelho, enchendo-me instantaneamente de sobriedade. Saltitando chego até a luz do banheiro, onde posso analisar os resultados de meu indesejado chute casual. Vermelhas gotas de sangue marcaram a minha cambaleante trilha até o quarto, inspirando meus próximos passos.

Algodão, água oxigenada, mercúrio, esparadrapo e toalha. Esses apetrechos rodeavam agora meu dolorido dedo, iluminados pela luz azulada do aparelho televisor. Aproveitando o tempo proporcionado pela minha inabilidade com curativos e pela fuga de meu sono, decido reciclar meus conhecimentos gerais assistindo ao jornal da noite com esperanças que, em meio às futilidades e manipulações, surgisse algo que de fato pudesse vir a me acrescentar.

Doce ilusão. Apenas fui ofendido por alguns indicadores econômicos, juntamente com o relato da vida diária do nosso presidente, acrescida de algumas receitas de guloseimas e notícias sobre relações amorosas entre animais. Nossas "teletelas"³ estão cada vez piores!

Agora somente a ausência do meu sono é que evitava o eminente silêncio da TV, pois as bandagens no meu pé, com as devidas ressalvas, já estavam prontas. Meus dedos passaram então a passear pelos botões do controle remoto, conduzindo-me à uma eclética viagem pelos diferentes canais. Na medida em que ia diminuindo o ritmo das pressões, as coloridas imagens, agora mais presentes e duradouras, ganhavam a companhia de sons e falas,

possibilitando assim a minha compreensão dos assuntos tratados, os quais, até agora, resumiam-se a engraçadas e fugazes aparições imagéticas.

Meus dedos interromperam nossa aleatória viagem em um enorme e fino rosto que falava energicamente, suando e perdigotando, sobre Educação Física. Percebi então que se tratava de um programa de entrevistas no qual três pessoas rodeavam uma mesa azul sobre um fundo neutro em tom degradê-pastel. Mesmo sem muitos atrativos estéticos o programa conseguiu prender minha atenção assim que notei a exaltação do magro senhor ao discursar sobre alguma temática de minha área de atuação. Restava-me descobrir qual. Quando compreendi o contexto pude perceber que ele estava tecendo uma venenosa crítica à passividade e à indiferença dos profissionais de Educação Física diante das criminosas propagandas dos inúmeros e milagrosos aparelhos de ginástica que prometem corpos e medidas idealizados em curtos espaços de tempo.

- Os profissionais que possuem propriedade para refutarem tais incoerências simplesmente se omitem, deixando a sociedade desprotegida nas mãos dessa indústria da estética! – exclamava com revolta.

Vendo suas veias saltando e o suor escorrendo pela sua pele avermelhada lembrei-me dos pitorescos equipamentos de ginástica passiva e dos multifacetados aparelhos abdominais que inundam os comerciais, sempre apresentados por deformados fisioculturistas legitimados esteticamente pela sociedade. Nesse momento solidarizei-me com sua indignação e concordei com seu apelo.

- Obrigada pela sua participação, professor Chioda – interrompeu cantarolando a produzida e artificial apresentadora e, com um sorriso convidativo, continuou – depois do intervalo retornaremos com o nosso tema “Eu e meu corpo” agora com a contribuição da professora Denise Fontana... ehh... Santana! Denise Santana, da PUC de São Paulo. Imediatamente um “close” intimidador trouxe-me a familiar fisionomia que encheu meus olhos com um simpático e desconcertado sorriso.

Os hilários comerciais que se seguiram eram a contradição viva e latente, uma vez que deixaram evidenciar a natureza das críticas elaboradas pelo professor que, na verdade, eram sobre os próprios anunciantes e financiadores daquele programa.

A entrevista recomeça, agora sem o professor, com a proposta que Denise falasse da sua pesquisa sobre o corpo numa abordagem histórica, contribuindo assim com sua área de conhecimento.

O demorado e ensurdecedor barulho do caminhão de lixo na minha rua não permitiu que eu escutasse grande parte da curta entrevista. Reconstituindo os fragmentos de frases que me chegaram, consegui compreender algumas discussões trabalhadas por ela. Levantou questões sobre o paradoxo do corpo contemporâneo: valorizado com sua saúde, beleza e gestos, sendo contraposto pela sua segmentação, violação e comercialização, através das indústrias da estética corporal. Esse paradoxo convive em tensão constante em nossa sociedade, a qual testemunha, com o desenvolvimento da tecnologia, o desaparecimento do corpo devido a sua virtualização, sua transformação em um intangível objeto semiótico. Ao mesmo tempo em que é esquartejado e desmembrado, transformando o

indivíduo em parcialidades, pois não mais existe por inteiro. A própria Denise, naquele instante, havia se reduzido a um busto e uma cabeça esquadrihados e protegidos por uma tela.

Chamou-me a atenção as conseqüências, identificadas por ela, do advento das “máquinas de ver” (cinema, fotografia etc.) no fim do século XIX. Dentre outras coisas, destacou sua contribuição na construção cultural de uma hierarquia dos sentidos, na qual a visão encontra-se no mais alto conceito. Contribuindo assim para que o “EU”, a persona da Sociedade Ocidental se cristalizasse “atrás dos olhos”, ou seja, colaborou para que os olhos passassem a ser o *locus* da identificação do indivíduo na nossa sociedade.

Como não tenho competência para compreender diálogos através de leitura labial, fiquei sem entender seu raciocínio, quando explicava a relação da Termodinâmica e do Aerodinamismo com a visão de corpo de nossa sociedade⁴. Posso apenas especular sobre o que acredito que ela disse...

O motor e os gritos do lixeiro abaixo de minha janela não permitiram sequer que eu escutasse os agradecimentos finais do programa, do qual o fim se tornou evidente apenas pelas rápidas frases que subiam sobre o rosto de ambas as mulheres, fazendo-as desaparecer gradualmente em uma penumbra.

Suas frases e idéias brincaram com minha insônia, provocada pelos já distantes sons do caminhão, acompanhando-me em mais outra viagem pelos, agora escassos e desativados, canais. Várias listras coloridas e relógios digitais nos cantos da tela anunciavam o princípio da madrugada.

Imagens em preto e branco interromperam a viagem de meus dedos e, em poucos segundos, os movimentos e os ritmos que brilhavam na tela me disseram se tratar de um documentário

sobre danças folclóricas, juntamente com a desconhecida bandeira digital que tremulava no canto inferior, a qual me sugeria as proporções mundiais de tal documento.

Depois da apresentação de diversos dançantes países, uma voz rouca e potente invadiu a tela explicando os significados dos rituais e das danças de cada grupo, frisando e enaltecendo a importância de se valorizar as diferenças culturais dos povos, as quais evidenciam-se nessas formas de expressão. Passou então a elencar os autores e os dançarinos de todas as apresentações, bem como seus países de origem.

Após a descrição do elenco do primeiro bloco do documentário, o locutor começou a citar algumas definições de "cultura" segundo a antropologia social, a qual representava, na época do documento, apenas um feto da vanguarda. Dentre as inúmeras frases recortadas, uma em especial chamou-me a atenção, porém não compreendi quem era o autor:

"É o conjunto dos comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem, e transmitidas ao conjunto de seus membros" ⁵.

Depois de uma breve pausa com a tela escura, começou a se ouvir um selvagem rufar de tambores, que serviu de pano de fundo para a entrada frenética de dançarinos e músicos africanos. O intermitente e mágico som me remeteu à lembranças recentes que, somadas às definições ouvidas resultaram num complexo desencadeamento de idéias. Meu sonho da noite passada desabou como uma cachoeira diante de meus olhos, até então esquecidos.



Toda a dança que havia sentido e presenciado me veio à pele novamente. Num instante, cabelos louros roçaram minhas narinas e começaram a tomar forma... a ganhar corpo. Seus mágicos olhos estavam de volta. Era ela. Olhou-me com sua boca, e sorrindo com seus olhos chamou-me para dançar. Os violinos surgiram em uma tempestade de acordes vencendo os tambores e inundando minha alma, que agora sorria e bailava solta no espaço. Seu abraço era gelado e apaixonante, pois seu toque me penetrava, rompia com a carne e com a lógica.

Foi então que descobri que as notas do violino saíam de sua boca... ela não falava palavras! As notas eram seus substantivos, sua dança era seu verbo; seu perfume, o seu adjetivo. Atônito e paralisado pela magia da sedução, meus pés calaram-se silenciando minha alma. Quando busquei verbalizar minha exclamação, qual surpresa minha quando de minha boca brotou um som destoado, mais parecido com um violino desafinado.

O frescor de seus passos e a confiança de seus gestos me diziam, me ordenavam: dance! Como que se fôra fisgado por seus lábios, dancei como nunca dantes havia feito. Uma força descomunal me invadiu tomando-me por completo, libertando-me de amarras imaginárias.

No ápice do delírio, no auge da confiança, olhei para ela e, ainda dançando, declarei-me com um grito surdo e silencioso. Apenas com um gesto ela o deteve. Sua mão em meu peito evidenciou a inutilidade de minha tentativa, e ao mesmo tempo indicou meu coração. A surpresa me tomou quando ao tentar me justificar, um lindo e harmônico som de violino saiu de minha boca preenchendo os espaços até então escuros pela ausência de nossos passos. Com um lindo sorriso ela retribuiu meu sucesso,



segurou minha mão e, numa hipnótica dança, me conduziu até a fronteira gelada e fria que nos circunscrevia. O medo fechou meus olhos, e o frio e o silêncio calaram meus gestos.

Um suave e perfumado sopro tocou minha face, despertando-me. Pude vê-la a poucos centímetros de mim, revelando-me através de suas retinas o universo do qual fazíamos parte, com todos os seus significados e símbolos. O lento giro de sua cabeça dirigiu minha atenção para o além-mar escuro e sombrio, de onde diversas explosões cintilavam suspirando suas canções únicas. Foi quando compreendi sua mensagem. Vendo a diversidade de expressões, senti-me pertencente a um grupo, com suas (nossas) características e expressões, e seus (nossos) rituais, símbolos e significados. Enfim, pertencente a uma cultura, a qual moldo e por ela sou moldado. As diferenças dos povos distantes evidenciaram esse fato, pois suas idiossincrasias borbulhavam através dos sons, cheiros e danças.

O sorriso de sua alma, exposta pelos seus olhos, gritavam orgulho. Não sei se devido à minha recente compreensão do mundo, ou simplesmente pela sua competência em me mostrar isso tudo. Mas logo um olhar mais profundo permitiu constatar a origem desse sentimento no simples e maravilhoso fato de pertencer e construir esse grupo. A alegria era evidente em seus gestos. Seus dentes agora falavam mais alto e, iluminando seu rosto, ficaram coloridos. Regidos por uma nota aguda e intermitente como soluços, eles cresceram e afinaram transformando-se em grandes listras, as quais foram imediatamente trancadas em uma caixa transparente. A nota constante se tornou cada vez mais alta, engolindo todo o seu rosto, seu corpo...

Cinco e quarenta e cinco. É o que me confia os verdes números ao meu lado. Penso em nunca mais dormir com a televisão ligada... enquanto caminho mancando para o banheiro.

(...)



NOTAS

¹ "Eu também vou reclamar", Raul Seixas.

² ORWELL, George. 1984. 1975.

³ ORWELL, George. *op. cit.* 1975.

⁴ SANT'ANNA, Denise. *op. cit.* 1999.

⁵ Definição de cultura segundo LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia, 1988.



"A definição de perfeição muda de acordo com as necessidades dos empregadores, políticos e anunciantes. (...) Enquanto a definição de beleza vier de fora das mulheres, nós continuaremos a ser manipuladas por ela."

(WOLF, Naomi. 1992, p.84 e p.373)



donzela de ferro

FIG. 04

*

Meu tornozelo dolorido lateja em pot-pourri com meu dedo enfaixado, fazendo com que eu deseje a inexistência desse meu podre pé. Talvez devido à contraposição ao fato de eu ter que reafirmar a minha existência constantemente, em meio àquela multidão domada e silenciosa, em cada curva que o monstruoso veículo se delta, sugerindo assim nossa movimentação em seu interior.

O fraco e solitário café que corre em minhas veias despertou-me para a realidade daquele nublado dia. A figura daquele mendigo voltou-me à mente assim que fui regurgitado pela criatura de ferro em meu verdadeiro ponto. As conseqüências do meu erro do dia anterior ainda estavam enraizadas em minha pele, tanto meu pé como meus pensamentos evidenciavam isso. A admiração pela clareza e propriedade com que aquele indivíduo falava contrastava com a indignação que senti quando percebi a situação em que vivia, ou melhor, sobrevivia.

Os fulminantes olhos de César, o professor substituto, atingiram minha face quando me viram adentrando a sala de professores. Eles pareciam cães apontando para um inimigo. Contudo, era compreensível, pois afinal minha presença é sinônimo de não-trabalho (para ele) e de uma conseqüente diminuição de seu salário.

Minhas sonoras saudações receberam indiferentes respostas, que evidenciaram-se ao serem vencidas até mesmo pelo meu próprio eco. Os professores da escola começam o dia com o mesmo mal humor que terminam, talvez por premonição dos inúmeros problemas, ou quem sabe devido ao desestímulo e à descrença total em suas atuações. Apenas Ana, professora de

com minhas palavras, a qual desmoronou com a solitária e infeliz afirmação de uma raquítica menina:

- Tudo Bem! Homem pode sê gordo, mas mulhé não...! Né, prof?!?

Aquilo me subiu como um arrepio, erigando todos os pêlos do meu corpo. Não sei se pela visão de ser humano refletida naquela pergunta, ou se foi devido ao susto que tomei ao ouvir o sinal que a sobrepôs, anunciando o fim da aula. Amarrado e amordaçado pela perplexidade não pude conter a matilha que saiu a galopes abandonando-me sem voz no centro da quadra. Somente quando percebi os alunos da 5ª série se aproximarem, empunhando seus lanches, é que notei que o intervalo havia começado. Já podia me mexer...

O café frio em minha frente já havia perdido a sua sedutora e hipnótica fumaça quando fui surpreendido por uma pergunta que interrompeu minhas longas reflexões.

- Leu o texto?

A gorda imagem do garoto saiu em disparada novamente, agora, de meus pensamentos. Quando virei-me para trás da mesa de reuniões pude identificar de quem era aquela voz que acabara de adentrar a sala. Vinícius me olhava com um sorriso questionador e, com um olhar de desafio, parecia propor um início de debate.

- Ainda não tive tempo. Vou lê-lo neste fim de semana. – respondi, desarmando-o.

- Te mandei faz uma semana, meu irmão! – exclamou indignado, como se não aceitando a trégua imposta.

- Você sabe a frequência de saída de meu escaninho... Como eu quase não recebo nada deixo tudo acumulando, para

depois pegar e me sentir importante, requisitado. Prometo que leio no sábado! – esquivei-me.

- Tudo bem, tudo bem... – desistiu, colocando suas pastas sobre o mapa de geografia que estava em cima da mesa. Mas, em seguida completou:

- Mas vamos sair sábado à noite, assim a gente pode tomar umas cervejas e discutir um pouquinho...

- Tá certo... – suspirei, rendendo-me.

Logo a desestabilizadora frase da menina me batia novamente, fazendo-me voltar aos meus imaginários mergulhos no café. O mendigo ressuscitou, trazendo-me suas incômodas frases. Viajei por todos os acontecimentos que ocorreram comigo desde que deparei-me com Vênus, por todas as idéias, impressões, dúvidas e expectativas que me infectaram desde então. A ginecológica expressão da modelo na capa da revista esbofeteava o recato e a aparente vergonha expressada pela deusa mitológica, ao mesmo tempo que, em meus pensamentos, ensinava minha pequena e raquítica aluna a posar e a exibir-se.

- Que cara é essa? – indagou-me Vinícius, interrompendo seu planejamento.

Foram as palavras exatas e suficientes para que eu desaguasse toda minha fúria e indignação, verbalizando-as. Contei-lhe toda a história desde o princípio até a minha imobilidade atordoada.

- Mas é verdade! – brincou, rindo e concordando com a menina.

Percebendo a brincadeira, sorri mais aliviado por ter desabafado e compartilhado meu problema com meu companheiro de profissão.

Após alguns momentos de silêncio, olhou para mim novamente e retomou a palavra:

- Por outro lado, como você gostaria que a menina agisse? Ela é bombardeada diariamente por imagens e exemplos de mulheres magérrimas que se deram bem na vida, ganhando muito dinheiro e casando com modelos e atores lindos e cheios da grana! Ao mesmo tempo em que as gordas são retratadas como empregadas, babás ou comediantes, isto é, servem para os outros rirem. Qual das duas você prefere ser?

Suas palavras me lembraram novamente a frase de Barry King¹ que fala sobre esse poder da mídia. Levanto-me e começo a andar.

- Esse é o problema! A discussão é muito mais filosófica. Está em jogo toda uma visão de mundo, de sociedade que temos. Esse padrão de corpo que existe é construído culturalmente, atendendo a certos interesses...

- Como assim?! Interesses de quem? – interrompeu-me.

Repeti então a frase que vem me perseguindo a todo instante, dita pelo mendigo.

Após alguns momentos, seus olhos, até então atraídos pelo teto, voltaram para mim e sorriram.

- Agora que você falou isso, lembrei-me de uma frase que li em um texto certa vez. Acredito que venha reforçar essa idéia: *“Toda mulher é bombardeada através da mídia pela ideologia da classe dominante, da beleza, da valdade e do consumismo”*². - disse-me, com os olhos cintilantes.

Nesse instante, o retorno às aulas foi anunciado pela irritante campainha, juntamente com os conseqüentes gritos da carcereira.



Despeço-me então do olhar reflexivo e compenetrado de meu parceiro e vou para meu ofício.

O pôr-do-sol anunciava o fim de meu perturbante dia de trabalho, quando pus meus pés na calçada da escola. Algo de estranho me aconteceu nesse instante, meus pulmões, ao encherem-se de uma gélida brisa, me diziam para ir caminhando até minha casa. Respeitando-os, tomei meu rumo, pé ante pé, num caminhar calmo e atencioso. A paisagem chegava à mim mais viva, parecia lamber suavemente meus olhos regendo minha ausência de destino.

Aos poucos as pessoas que me fagocitavam indiferentemente na rua começaram a se transformar, suas roupas diminuíam enquanto seus corpos ficavam esqueléticos. Uma febre anoréxica tomou as pessoas que povoavam meu imaginário (ou as ruas, não sei). Um enorme e fino poste emergiu do chão à minha frente, tão próximo que pude sentir seu civilizado cheiro de cimento. Não conseguia mais distinguir a realidade da imaginação. Seria de fato um poste ou uma esquelética mulher? Ao deslizar minha vista para sua cabeça, buscando solucionar minha dúvida, deparei-me com um colar que lhe envolvia, trazendo consigo os dizeres:

“Emagreça 10 quilos em duas semanas!

Sem dores nem contra-indicações.

Contatos através do e-mail:

www.vidaideal.com.br”

As descascadas letras começaram a dançar em minha frente, formando uma louca composição. De repente transformaram-se em lindas modelos douradas e malhadas. Seus enormes olhos cresciam a cada passo que davam em minha

direção, escondendo os horizontes com seus contornos perfeitos. Aos poucos eles foram tomando-me por inteiro até eu nada mais poder ver, cegando-me com uma intimidadora escuridão.

Um fétido odor convocava minha consciência e, misturado com outros inúmeros repugnantes perfumes, brincava com meus escuros horizontes. A luz, gradativamente, venceu minhas pálpebras trazendo consigo a realidade que me cercava, na qual duas imensas latas de lixo me vigiam olhando-me de esgueiro, enquanto um punhado de "cosmos" enfeitava meus pés.

Voltei a sentir-me por inteiro, percebendo logo que minhas costas e pernas beijavam o duro chão, ao mesmo tempo em que minha cabeça gritava de dor. Quando levantei-a pude então ouvir uma rouca voz dizendo:

- Melhorou Doutor?!

Buscando a origem de tal som, deparei-me com um sorridente rosto amigo, porém seus traços não condiziam com nenhuma das minhas antigas referências. Não sabia dizer quem era.

- Sabia que não tinha sido nada grave. – disse-me estendendo sua mão em minha direção.

Segurei-a e em instantes estava de pé, medindo-o com os olhos, ao mesmo tempo em que massageava minha nuca com os dedos. Suas poucas e maltrapilhas vestes, juntamente com seu ninho de papel, onde há pouco me encontrava deitado, permitiram-me identificá-lo. Seu sorriso desapareceu ante minha face interrogativa, percebendo minha evidente estranheza.

- O que aconteceu? – gaguejei.

- O senhor não lembra? Tu ficou parado na frente desse poste, beijando-o – respondeu-me prendendo uma risada folgada,

e continuou – de repente começou a balançar, balançar... e caiu feito fruta madura! – concluiu imitando meu movimento com as mãos, acompanhada de uma seca onomatopéia.

A minha desnorteada análise dos objetos e cheiros que nos cercavam denunciou minha insistente incompreensão dos fatos. Foi então que buscou dirimi-la, continuando seu relato:

- As pessoas ignoravam seu desmaio, pois pensavam que era apenas mais um bêbado que vivia por aqui. Foi então que eu lhe arrastei até minha mansão – descreveu com tom irônico, interpretando com gestos – para que as pessoas não tropeçassem no senhor. Foi então que eu reconheci seu agasalho e pensei com meus botões: “Diacho, não é que é o técnico do clube que apareceu aqui ontem?”. Aí eu misturei uns restos de produtos de limpeza que encontrei por aqui, pensando em despertá-lo com o cheiro. Parece que funcionou...

Encabulado, tento buscar uma compreensão do que aconteceu comigo. Mas logo a incômoda dor na minha barriga me sugeria a origem de tal delírio. Apenas um magro café corria nas veias deste pobre viciado. Minha cabeça dolorida reclamava da irresponsabilidade de ter ignorado o almoço justamente num dia tão recheado de reflexões e polêmicas. Meu corpo resumia-se apenas em um pensamento:

- Preciso comer! – falei, exteriorizando meu desejo visceral.

- Eu também! – disse-me, com uma gargalhada irônica, evidenciando a sua triste rotina.

Contando todos meus trocados e minhas moedas, constatei a viabilidade econômica de um possível convite. Como sua atitude e seu olhar transpareciam confiança, sem titubear, resolvi fazê-lo:

- Vamos comer um sanduíche naquele bar? Eu pago, como agradecimento pelo seu gesto.

- Só aceito se for por amizade e não por retribuição. Afinal, não sei porquê, acho que o senhor faria a mesma coisa por mim...

- arriscou, provocando meus valores e toda a minha lógica social.

Chegando ao bar pude ver a popularidade que ele tinha com os seus freqüentadores pois logo foi cumprimentando a todos, fazendo diversas brincadeiras e sempre sendo correspondido. Foi quando descobri que o chamam de "professor". Ao sentarmos no balcão, gritou alegremente para o dono do estabelecimento:

- Salta dois X-saladas que o doutor aqui tá pagando!

Enquanto comíamos e conversávamos sobre mundos, fui percebendo quem era esse sujeito ao meu lado. Suas idéias e palavras encantavam minha razão, articulando-se de forma coerente com meus conceitos, abrindo assim um universo que até então me era desconhecido. Os seus insistentes respaldos em citações e em autores talvez tenham lhe logrado seu apelido. Seu constante passeio na linguagem coloquial caracterizava sua máscara e seu escudo na dura vida das ruas.

Falei sobre minha profissão, desmistificando o estigma de técnico, sobre o dia que acabara de viver e as questões que me afligem atualmente. Enquanto eu falava ele devorava avidamente seu lanche, acompanhando-me com os olhos. O fim dos meus lamentos coincidiu com a saciedade momentânea de sua fome. Ainda lambendo os beiços, comentou minha fala:

- Estamos falando aqui, de fato, sobre a famosa "donzela de ferro"...

- Sobre quem?!? – assustei-me.

- Donzela de ferro, – repetiu sorrindo – Era um instrumento de tortura da Alemanha Medieval. Caracterizava-se como uma espécie de caixão com a forma de um corpo, que trazia pintados em sua frente os membros e o rosto de uma jovem bela e sorridente...³

- Continuo sem entender! – intervi, interessando-me pelo assunto.

- Quero dizer que as idéias que vêm lhe incomodando, referem-se justamente à possibilidade da existência de um corpo padronizado e ideal, no qual todas as mulheres deveriam se encaixar, se moldar, se submeter... desrespeitando qualquer tipo de singularidade ou diferença que possam vir a apresentar. Ou seja, de uma certa maneira nós temos construída socialmente uma grande fôrma de metal, na qual as mulheres vêem suas imagens refletidas em sua fria superfície, e invejam não o seu reflexo mas sim as formas do objeto que as refletem.

Notando meu olhos arregalados de espanto e incompreensão tentou se fazer mais claro:

- O que quero dizer é que hoje existe um complexo sistema de meios de comunicação de massa que, regidos pelos valores dos dominantes, ditam, ou melhor, formatam o corpo que lhe é mais desejado, de acordo com os interesses dos seus anunciantes e financiadores. Com isso, de uma forma abstrata, podemos dizer que a tortura continua, porém um pouco mais moderna... chama-se "mito da beleza".

- Mito da beleza? – perguntei, ainda pasmo pela enxurrada de informações.

Depois de tomar todo o copo d'água que havia pedido, respirou fundo e continuou:

- Na sociedade machista em que vivemos foram criados inúmeros instrumentos para o controle social das mulheres, isto é, para se manter intacta toda uma estrutura de submissão e passividade feminina. Apenas os nomes e os desejos produzidos por esses mecanismos variaram, pois a essência e seus objetivos são claros e antigos. O mito da beleza veio *"assumir a função de coação social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não mais conseguiram realizar"*.⁴

Algo começou a queimar dentro de mim. Não sei se o princípio de uma revolta e indignação perante o maquiavélico projeto reacionário exposto pelo falante ser humano ao lado, ou se apenas devido ao ácido catchup que banhava meu lanche. Intrigado, resolvi explorá-lo mais:

- Mas como esse processo se deu? Como um padrão pode ser tão amplamente disseminado e tão visceralmente encarnado pelos indivíduos, sejam homens, sejam mulheres?

- Os mídia. – afirmou, se arrumando no estreito banco do balcão – Os meios de comunicação de massa trabalham na construção de uma subjetividade coletiva, isto é, suas mensagens e valores são passados através de imagens e discursos que, subliminar ou explicitamente, possuem influência determinante na construção dos desejos e padrões de cada indivíduo componente da sociedade. Ou seja, os desejos de cada um possuem um eixo social que os regem, ditado pela cultura de massa.⁵

Notando meu olhar desconfiado e incrédulo, parecendo refutar suas idéias sobre a existência um agente extrínseco e determinista na vida dos indivíduos, resolveu trazer esse conceito para nosso contexto, para nossa discussão, juntamente com um pequeno resgate histórico:

- *"Antes da Revolução Industrial, a mulher comum não poderia sentir o que sente a mulher moderna com relação à beleza, já que esta última vivencia o mito com uma contínua comparação com um ideal físico amplamente difundido. Antes da Invenção de tecnologias de produção em massa, (...) uma mulher comum era exposta a poucas imagens dessa natureza fora da Igreja"* ⁶.

E quase sem respirar continuou:

- O valor da mulher comum, até então, residia em sua *"capacidade de trabalho, sagacidade econômica, força física e fertilidade"*. Uma vez que a família era a unidade de produção, na qual o trabalho da mulher completava o do homem⁷.

A dança repetitiva de seus poucos dentes enfeitava minha atenção, que viajava por inúmeras imagens e propagandas enaltecendo formas e cores. As constantes dissonâncias de sua voz traziam-me de volta:

- A cultura ocidental machista produziu obras nas quais explicita e reforça seu ideário. Portanto ao tomar contato com tais produções, o indivíduo em formação se depara com homens honrados, audazes e heróis, em contraponto à mulheres dependentes e submissas que atingem "sucesso" e "sabem" na vida somente através de sua "beleza". Esse contexto permeia todo o processo de desenvolvimento das meninas (e dos meninos) de nossa cultura, tornando-as *"suscetíveis às heroínas da cultura de massa da mulher adulta: as modelos de revistas femininas. São essas modelos que as mulheres geralmente mencionam primeiro quando pensam no mito"* ⁸.

- Mas beleza é relativa, não possui um valor absoluto. Já que cada cultura tem o seu conceito de "belo", como podemos

aceitar um instrumento que tente universalizá-la? – arrisquei interrompê-lo.

- *"A beleza não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma mulher ideal Platônica..."*⁹ - respondeu sem titubear, continuando em seguida - Isso explicita uma enorme contradição sustentada pelo próprio "mito" pois ao mesmo tempo em que diz que *"a mulher moderna está crescendo, mudando e exprimindo a sua individualidade"*¹⁰ propaga que o conceito de "beleza" é por definição inerte, atemporal e genérico.

- Por que as mulheres? Por que a ordem social reduz as mulheres às belas imagens? – perguntei, entornando a cerveja recém chegada à nossa frente.

- As economias ocidentais são dependentes dos baixos salários pagos às mulheres. – falou, imitando meu gesto – Portanto é necessária uma ideologia que reforce o seu sentimento de menos valia, contrapondo assim os avanços e conquistas do movimento feminista¹¹.

- Mas você falou sobre as modelos das revistas femininas... Por que as mulheres as têm como referência? – interrompi-o novamente.

- Infelizmente, *"as revistas femininas são os únicos produtos que acompanham as mudanças da realidade da mulher, são em sua maioria escritos por mulheres para mulheres sobre temas femininos e levam a sério as suas preocupações"*, portanto *"são tudo o que a maioria das mulheres tem como acesso à sua própria sensibilidade de massa. Uma vez que a cultura em geral adota um ponto de vista masculino do que é notícia ou não"*¹².

Outro gole de cerveja aliviou sua garganta e prenunciou a continuidade de seu raciocínio:

- Para provar isto basta analisar as manchetes dos jornais e suas respectivas ênfases e localizações dentro das edições. Um homem folheando um periódico, está vendo apenas 'uma' perspectiva dentre inúmeras outras da cultura geral de orientação masculina, a mesma que reprime e limita a mulher a poucos canais legítimos de expressão. Como inexiste um jornalismo de interesse geral que trate os temas femininos com a devida seriedade, as revistas permitem, em termos psicológicos, que elas encontrem seu "eu ideal". *"Na década de 50 a dona-de-casa encontrava aquele 'eu' que aspirava ser uma boa esposa, boa mãe e uma eficiente dona-de-casa"* ¹³.

- Esse seria o mito da domesticidade? – intervi, esvaziando minha lata de cerveja.

Logo depois de amassar e jogar fora sua latinha, interrompeu sua fala e por meio de um gesto, indicou que iria visitar o banheiro, deixando minha pergunta no ar.

A chuva de informações fermentava em meu corpo. Seus conceitos e idéias gravam em torno de imagens de meninas com minúsculas vestes, de modelos povoando as bancas de jornais, de garotos correndo com vergonha de suas formas e dimensões.

- De onde o senhô conhece o professô? – interrompeu-me o gordo garçom.

- Eu o conheci ontem, aí na rua. Hoje ele me salvou de um pisoteamento... – comecei a explicar, mas logo fui interrompido pela sua visível decepção.

- Drogal! Pensei que o senhô o conhecesse há mais tempo e pudesse revelar o mistério desse cara. – disse virando-se para o lado em direção a um recém chegado cliente.

- Que mistério?! – indaguei, segurando-o.

- Ninguém sabe a história dele. Seu passado, seus parentes, sua origem... ninguém sabe nada, apenas que era professor. Mas do quê, ninguém diz! – revelou indignado, já atendendo o pedido de seu outro cliente.

Mal sentou ao meu lado, o “professor”, como era conhecido no bairro, já começou a falar:

- Sim, esse exemplo faz parte da construção do mito da domesticidade, além de reforçar a idéia da castidade e da maternidade.

Apenas após alguns instantes, desligando-me das palavras do garçom, é que consegui entender que ele estava respondendo à minha última pergunta.

- *“Em 1830 consolidou-se o culto à domesticidade e inventou-se o código da beleza”. – continuou – Já “na década de 1840, com as novas tecnologias, foram tiradas as primeiras fotografias de prostitutas nuas. Porém, anúncios com imagens de ‘belas’ mulheres apareceram pela primeira vez somente em meados do século”¹⁴...*

Enquanto ele falava, meus olhos o fixaram, desfocando seu rosto e perdendo sua imagem, pois buscava em seu interior algum vestígio de sua história; alguma marca, sotaque ou gesto poderia revelar-me esse, para mim recente, mistério. Quando voltei-lhe a atenção suas frases já haviam perdido o contexto:

- ... a modelo jovem e esquelética tomou o lugar da feliz dona-de-casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida. Já a revolução sexual propiciou a descoberta da sexualidade, surgindo então a onipresente “pornografia da beleza”, com o intuito de minar o sentido recém-adquirido e vulnerável do amor-próprio sexual. Os direitos do controle da reprodução deram à mulher

ocidental o domínio sobre seu próprio corpo, mas, paralelamente, o peso das modelos de moda desceu 23% abaixo do peso das mulheres normais, aumentando os distúrbios ligados à nutrição e proporcionando uma neurose de massa que recorreu aos alimentos para privar as mulheres de sua sensação de controle¹⁵.

Sua acelerada dissertação, apesar de coerente, não fazia mais sentido para mim, pois minha curiosidade migrou do discurso falado para a identidade do sujeito falante. Construí em meu imaginário milhares de possíveis passados para o indivíduo que se desfazia em palavras em minha frente. De repente meus devaneios verbalizaram-se e explodiram pela minha boca, interrompendo-o:

- Quem é você?

- Como?! – gaguejou, sem graça.

- Quem é você? De onde veio? O que fazia? – insisti olhando em seus olhos.

Um perturbante incômodo tomou-o de súbito, desnortando suas frases que agora saíam sem clareza. Já de pé, agradeceu-me pelo lanche e parafraseando-me saiu rapidamente para rua:

- Sou professor e estou atrasado!

Os poucos instantes em que demorei para tomar consciência do que estava acontecendo e sair atrás dele, foram suficientes para que sua figura desaparecesse na penumbra dos becos que desaguam naquela movimentada avenida em que nos encontrávamos. Seu império submundo era constituído por inúmeras sombras, bichos e latões que o protegiam das “civilidades” da cidade, juntamente com uma rede de túneis e corredores que venciam a lógica espaço-temporal dos apressados veículos e dos condicionados cidadãos.

O latido distante ecoando no beco revelou o descuido e a ousadia de minhas palavras. Minha estúpida curiosidade invadiu territórios não permitidos. Despeço-me do bar com um café e ganho a fria noite rumo a meu, ainda distante, apartamento. Antes de pensar na quentura de minha cama lembro de passar em algum mercado.

(...)

NOTAS

¹ KING, Barry. *apud* SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p. 21

² MURARO, Rose M. *apud* SIMPSON, Amélia. *op. cit.* 1994. p.48

³ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.22

⁴ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.13

⁵ GUATTARI, Félix. Micropolítica – Cartografias do Desejo. 1986. p.25

⁶ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.17

⁷ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.17

⁸ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.80

⁹ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.15

¹⁰ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.21

¹¹ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.22

¹² As idéias aqui apresentadas são desenvolvidas nas p.92-95 por WOLF, Naomi. *op cit.* 1992.

¹³ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.84

¹⁴ WOLF, Naomi. *op cit.* 1992. p.18

¹⁵ As idéias aqui apresentadas são desenvolvidas nas p.13-14 por WOLF, Naomi. *op cit.* 1992.

tempos modernos



"A subjetividade é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. (...) O 'trabalhador social' (aquele cuja profissão consiste em se interessar pelo discurso do outro) atua de alguma maneira na produção de subjetividade"
(GUATTARI, Félix. 1986, p. 33 e 29)

V



*

O ar inquieto teima em não ficar mais dentro de mim, insistentemente ele me preenche, envolvendo minhas entranhas, seduzindo-as, provocando-me prazeres fugazes. Porém em instantes, como um amante descoberto, ele me abandona num sopro, esvaziando minha alma. Em um apelo desesperado tento buscá-lo com minha boca e, sem palavras, imploro para que retorne, que faça parte de mim novamente. Como se fosse uma brincadeira, regressa e reinicia a sua sedução, construindo assim uma eterna relação amorosa, de morte e vida, de dependência doentia, perpetuada a cada suspiro.

A cada passo sinto o orvalho das plantas beijando-me a pele, as rápidas e ritmadas carícias das gramas na sola de meus pés alertam para a minha ausência de destino. Será a corrida em vão? Os ventos gelados batem em minha cara anunciando a chegada de imensas nuvens escuras. A imensidão da planície desnuda me envolve, explicitando minha impotência. Somente agora a minha nudez me salta aos olhos, pois um arrepio gelado me percorreu o corpo, talvez devido ao vento ou então, quem sabe, à noção de minha fragilidade perante os infinitos horizontes que me circunscrevem.

Um extasiante clarão emudece minha visão. Perdido nas luzes sou penetrado por um estrondoso trovão, o que instintivamente leva minhas mãos a tentar amenizá-lo e, com um gesto rápido, cubro minha cabeça e me encolho. Nada escuto e nada vejo, apenas sinto geladas gotas perfurarem minha carne.

Silêncio. Um calor aconchegante toca a minha pele. Uma música familiar me invade aos poucos. Gradativamente suas notas começam a criar formas. Posso vê-las por um instante... mas logo



um movimento chama meus olhos e percebo que minha visão está de volta.

O som dos violinos me protegem e me dão segurança, pois reconheço a música e ela me provoca as intenções. Ensaio uma dança enquanto percebo meus músculos conversando. Subitamente sou impedido de deslizar, pois algo frio e liso me beija a pele das costas. Abro lentamente meus olhos (jurava já tê-lo feito) e encontro-me cercado, dentro de uma enorme sala, por espelhos. Espelhos de diferentes formas, cores e tamanhos, e todos caçoam de minha face, nudez, e formas, explicitando-as.

Uma censura incontrolável me toma. A sala se descontrói diante de meus olhos e aos poucos, em meio a gritos e gargalhadas, se configura em um labirinto. A imensidão resume-se a estreitas e duvidosas passagens. Agora a angústia e a vergonha se transformam em desespero, guiando-me de forma desnorteada pelos meandros desse paraíso narcisista.

Grandes, pequenos, redondos, finos, côncavos, convexos, ondulados... todos me olhavam e me julgavam com um ar prepotente e intimidador. Envolvido por aquela onipresença delatante, perdido em meus passos incertos, meus olhos passearam por aquelas formas refletidas e buscaram me acalmar. Medo de quê tinha eu? Afinal aqueles que ali me julgavam nada mais eram do que eu mesmo.

Os diferentes "eus" agora me olhavam com indiferença, uma vez que tiveram suas identidades desmascaradas. Um esquelético "eu" me olhava com desdém, medindo-me de alto a baixo, como que se criticasse minhas formas, com um ar de superioridade. Os olhares gritantes de um "eu" anão desvia a minha atenção, mas ao olhar para baixo, a timidez escondeu-lhe a face, fazendo

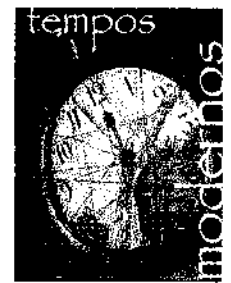


encolher-se. Com tal gesto, revelou mais adiante a presença de um gordo “eu” a fitar-me. Já mais próximo, percebi um suspiro perdido no ar, acompanhado de um olhar que parecia carregar consigo um misto de admiração e inveja. Sua expressão cativou-me e pensei poder tocá-lo. Contudo uma barreira fria e lisa deteve meus dedos, e com eles toda a minha esperança de interação e, conseqüentemente, de compreensão daqueles momentos intrigantes que estava ali vivendo.

Como se ingerisse um entorpecente, fui invadido por uma calma e uma estranha felicidade. Os indivíduos que naquele instante me cercavam, não mais me incomodavam, mas sim me proporcionavam um inebriante conforto. Com um sorriso verdadeiro e incontrolável nos lábios comecei a observar ao meu redor; os sorrisos agora haviam se multiplicado, todos se entreolhavam com admiração e curiosidade, conseqüentemente diálogos começaram a brotar provindos dos mais diferentes pontos.

Em alguns nauseantes momentos, em meio a giros e ondulações, a imensidão da sala se refez, libertando assim os enclausurados sujeitos que puderam caminhar livremente em meio a conversas e abraços. Um êxtase invadiu o ambiente, pois todos perceberam a diversidade de formas ali existentes. Tocaram-se e desconstruíram seus preconceitos quando sentiram a textura e o cheiro da pele daquele que há tempos apenas o contemplava de longe, esquadrihados dentro de seus cubículos repressores e limitados.

Ao interagirem, notaram que a diferença e a igualdade conviviam numa tensão apaixonante inscrita em seus corpos. Serem ao mesmo tempo semelhantes e diferentes, essa é a mágica que



preenchia aqueles sujeitos. As gargalhadas e lágrimas de alívio e esperança enalteciam agora a pluralidade.

Confuso e bêbado de alegria, meus olhos, com passos trôpegos buscaram meu "gordo" igual. Quando o encontrei já caminhava em minha direção com seus braços abertos buscando um correspondente. Seus olhos falavam, eu posso jurar! Porém, ao se aproximar, ouvi o violino que até então regia meus pensamentos e atitudes, destoar em uma nota seca e intermitente, entrando num processo crescente e ensurdecedor; com ela veio uma luz ofuscante que engoliu a todos na sala, inclusive a mim...

A recente escuridão é interrompida por um enorme estrondo, o qual é logo seguido por pequenas e contínuos estalos. A chuva bate em minha janela. A imagem do tapete de minha sala me salta à mente, e quase que com a mesma rapidez corro até lá, abandonando apressadamente o calor de minhas cobertas. Instintivamente fecho a janela, salvando um pouco menos da metade do chão do cômodo. Nas pontas dos pés retorno ao meu quarto e aos poucos vou criando consciência de onde estou.

Quatro e quarenta é o que me gritam os estúpidos números esverdeados do rádio-relógio. Ainda é noite... Isso é tudo o que me lembro de ter pensado antes de desfalecer.

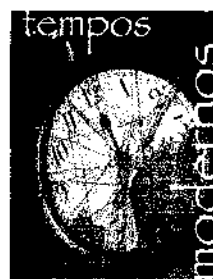
As repetitivas batidas da chuva no vidro ao meu lado parecem acompanhar os atrevidos e improvisados acordes do jazz de Duke Ellington, os quais preenchem até os espaços mais esquecidos de minha cozinha. Degustando um confortável pão com manteiga regado com um café quente e fresco, sou inundado por cenas e falas, provindas não sei se dos percalços da semana ou se do meu recente sonho... talvez já não tenha mais como diferenciá-los.

Diversas miniaturas de mulheres passeiam na minha frente em cima da mesa, subindo e descendo pelos potes e sacos que ali habitam. Louras, morenas, gordas, magras, baixas, altas... todas convivem no mesmo espaço tentando não dividir hierarquicamente minha atenção. A pluralidade agora me incomoda, pois inevitavelmente as loiras saltam aos meus olhos e desencadeiam em mim uma crise subjetiva: não sei se o quê vejo... o quê se destaca é de fato minha preferência, ou sou apenas um impotente *"terminal receptor de uma subjetividade"*¹ determinista construída culturalmente? Quem sabe minha resposta não se encontra em nenhuma dessas alternativas. Sinto que não sou isolado, faço parte de uma cultura, mas ao mesmo tempo uma visão passiva e impotente que me nega o direito de intervir e singularizar² me irrita profundamente.

Por que temos sempre que estar de um lado ou de outro? Nossa sociedade dualista nos impõe sempre duas extremadas opções, apesar de criar no imaginário social uma falsa aceitação às diversidades, sejam de opiniões, visões, sexos, corpos...

Os recém-nascidos brotos do "Cosmos", me dado pela sorridente Ana, amiga e companheira de profissão, no fim de nossa reunião semanal de avaliação, chamaram-me a atenção, pois apresentavam olhos coloridos prenunciando seu próximo florescimento. Logo em suas costas, se oferecia a mim um colorido calendário que me exibia seus números e luas, reforçando meu conforto daquele fim-de-semana.

O número nove era farejado pelo pequeno ponteiro do relógio, quando foi tocado pelos meus olhos. A avançada hora, juntamente com o vento da chuva, coroavam o início daquela descompromissada manhã de sábado. A ausência do jornal ao pé



da porta do vizinho revelou a mudança de sua rotina aos finais de semana.

Esse meu inesperado vazio "literário" fez com que eu me lembrasse das minhas também mal sucedidas visitas ao misterioso professor durante todos os finais de dia dessa semana. Encontrando como resposta apenas o vazio de seu ninho e o mal cheiro de sua "casa".

No mágico universo da dança com as palavras, a procura desesperada de meus olhos em busca de parceiros teve seu descanso apenas na desastrada orelha de um bloco de folhas que, em vão, tentava se esconder entre a caótica multidão de papéis que o cercava. A escura palavra "Modernidade" estava tatuada em sua pele descolorida, revelando e introduzindo a sua discussão. Enfim havia chegado a hora de ler o provocante texto que Vinícius havia me deixado.

No decorrer da leitura fui tendo contato com inúmeros elementos que auxiliaram na construção da visão de corpo que temos atualmente. Minhas interrogações se erigiram pensando que finalmente poderiam ser resolvidas. Um rápido resgate histórico inicia minha viagem por aquelas carregadas linhas.

A modernidade é um marco histórico caracterizada por inúmeras mudanças. Ela é o *"...momento de culminância de um processo em que não só se encontra a separação entre ser humano e natureza, como também da separação, ainda que formal, entre todos os seres humanos que se tornam, desde então, indivíduos..."*³.

Durante todo o texto fui bombardeado por argumentos e conceitos que respaldam essa afirmação. O desencantamento do mundo com o "fim da transcendência", o desligamento da

totalidade e a conseqüente descrença no sobre-humano descartou qualquer outra possibilidade senão a crença *"na materialidade manifesta do corpo"* ⁴. A Revolução Francesa é o reflexo político e histórico desse processo, pois ao negar o "divino", o sobre-humano, há também a negação de seus representantes na Terra; é o fim da aristocracia.

Nesse contexto há um incremento do interesse pelo corpo apresentando percepções intrinsecamente interligadas com as novas percepções do universo e de sociedade, popularizadas pelo avanço da ciência. A racionalização propõe uma nova visão do ser e da realidade na qual *"o mundo não tem mais unidade, e se transforma num conjunto de objetos oferecido ao conhecimento humano através da pesquisa científica"* ⁵.

"O corpo é puramente corpo, assim como a alma é puramente alma (...)" ⁶. Ao ler isso, imediatamente lembrei das raras e curtas conversas (pois ele não gosta de "filosofar", segundo suas palavras), que tive com César sobre visão de corpo e Educação Física. Esta frase resume bem a visão dicotômica que possui de sua atuação. Bom, não podemos negar que ele é um "homem moderno"...

Com esse princípio cartesiano, separando corpo e alma, a razão e a ciência apresentam o funcionamento corporal como independente de sua essência. O corpo individual adquire então poder próprio devido às descrições pormenorizadas das ciências biológicas, fato este que influenciou determinantemente as expressões artísticas da Modernidade. As quais, além de se desvincularem das representações religiosas, mitológicas e da realeza, retratavam corpos mais realistas, menos "mascarados",

denunciando com isso um novo modelo de compreensão do humano com sua objetivação do corpo.

"A popularização da fotografia, juntamente com a difusão em larga escala do uso do espelho, acentua o interesse dos indivíduos por sua dimensão corporal. O sentimento de individualidade, a emergência do 'eu' no século XVIII vai sendo transformado num sentimento de identidade individual no século XIX, com ênfase na identidade corporal" ⁷.

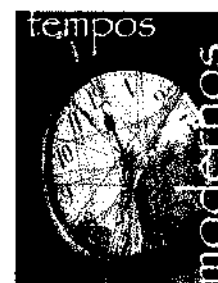
As diversas técnicas de identificação criminal, desenvolvidas nessa época, baseadas em características físicas, explicitam a sua "compreensão psicomórfica de mundo". Isto deixou claro para mim o caráter instrumental que o corpo possui nesse período, pois é inferior e ligada aos instintos servindo a uma dimensão superior e mais complexa, voltada para as "coisas mentais" ⁸...

O grito incômodo do interfone atrás de mim interrompeu meu raciocínio. Enquanto caminhava para acudi-lo saltou-me à mente a imagem do maltrapilho professor, pois o prazer de minha leitura já havia construído em mim a certeza de um presente perfeito, bem como de seu favorecido.

Desço correndo as escadas lembrando-me dos detalhes da descrição feita pela robotizada voz do porteiro sobre o indivíduo que me deixara um recado. Sem dúvidas era ele. Mas como chegou aqui? Será que me seguiu alguma vez?

A confirmação veio logo. Sua letra firme e clara inicia seu recado saudando-me e desculpando-se pela saída apressada de outra noite. As ruas já estavam desertas quando o porteiro confirmou a sua rápida interação com o mendigo, com poucas e diretas palavras.

Ao retornar à luz de minha mesa, pude enfim verificar o conteúdo de tal bilhete, o qual me trazia, segundo suas próprias linhas, "a última parte da resposta que lhe devo". Meus olhos se



iluminaram esperando uma grande e emocionante revelação de seu passado, porém logo murcharam ao perceber a qual pergunta ele se referia:

[As mulheres *"comprarão mais se forem mantidas no estado de ódio a si mesmas, de fracasso constante, de fome e insegurança sexual em que vivem como aspirantes à beleza"* ⁹. Com o fim da cultura de alta moda e a desvalorização do conhecimento tradicional do lar difundido pelas revistas femininas, *"a mística feminina evaporou e tudo o que restou foi o corpo"* ¹⁰. Fez-se então necessária a criação de *"uma nova ideologia que as levasse ao mesmo consumismo inseguro de antes (...) e teria de ser portátil, para poder ser levado para dentro do escritório"*. ¹¹]

Sem nenhuma pausa, o bilhete finalizava o raciocínio e reforçava a argumentação com os seguintes dizeres:

[Em 1969, em tom esperançoso, e talvez desesperado, a revista norte americana Vogue lançou o visual nu. A partir daí, *"a liberação das antigas restrições da moda foi contrabalançada por uma relação nova e sinistra com seus próprios corpos"* ¹². Assim *"toda uma cultura de substituição foi criada pela indicação de um 'problema' que praticamente não existia até então, pela sua focalização no estado natural da mulher e pela sua elevação ao posto de 'o' dilema existencial feminino"* ¹³. De 68 a 72 o número de artigos relacionados à dieta aumentou em 70%.

Antigamente *"os relatórios dos 'marketelros' descreviam formas de se manipular as donas de casa para que se tornassem consumidoras indecisas de produtos para o lar"* ¹⁴. Os anunciantes dos nossos dias estão vendendo alimentos dietéticos, cosméticos específicos e cremes contra o envelhecimento...]

Terminava com um seco e sonoro “Obrigado pela conversa. Ass: professor”. Fiquei extremamente incomodado com tudo, desde suas polêmicas informações, passando por seu repentino desaparecimento, até sua simples e despreocupada despedida. Um rápido reencontro se faz necessário, pois agora existem novos elementos para essa nossa discussão.

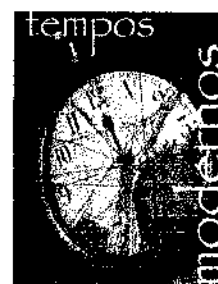
Modernidade e razão. Essas palavras batiam em minhas idéias, implorando para que eu voltasse à minha leitura anterior. Sem muito pestanejar atendi a seu suplicio.

O texto começou a falar, trazendo-me outros elementos que sustentam essa visão de corpo, dentre eles destacou-se para mim o “positivismo”, que rompeu com tudo o que fosse desordenado ou disperso, reforçando a materialidade do mundo ao se colocar como o certo e o positivo. E essa visão dentro da Medicina é fundamental para a subjetivação da Modernidade, pois auxilia na identificação do indivíduo com sua dimensão corporal¹⁵.

Os imperativos morais e terapêuticos trazem o corpo para o centro das preocupações, com atenção para a sexualidade.

“O sexo se transforma, a partir do século XVIII, numa peça fundamental, pois se encontra na articulação entre as disciplinas individuais do corpo e as regulações da população: se constitui na chave para garantir a vigilância sobre os indivíduos e o controle sobre o corpo social. O corpo passa a ser enfocado pelas ‘tecnologias individualizantes do poder’ por uma anatomia política que atua sobre os indivíduos ‘até anatomizá-los’, tornando-os centrados em seus corpos, com base nas preocupações terapêuticas e morais que vão sendo internalizadas”¹⁶.

As pesadas palavras do texto, a priori, me assustaram, mas com uma segunda e tranqüila leitura os conceitos e expressões adquiriram uma coerência e um conseqüente entendimento. Algumas coisas estavam ficando mais claras para mim, as



imagens dos corpos me chegavam de outra forma, parecia que eu havia trocado de óculos...

(...)

NOTAS

¹ GUATTARI, Félix. *op. cit.* 1986. p.32

² Neste livro GUATTARI disserta também sobre os "processos de singularização" dos indivíduos. p.37

³ SILVA, Ana Márcia. Cadernos Cedes, 1999. In Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. p.08

⁴ SILVA, Ana Márcia. *op. cit.* 1999. p.08

⁵ SILVA, Ana Márcia. *op. cit.* 1999. p.11

⁶ SILVA, Ana Márcia. *op. cit.* 1999. p.11

⁷ SILVA, Ana Márcia. *op. cit.* 1999. p.18

⁸ As idéias aqui apresentadas são desenvolvidas nas p.19-22 por SILVA, Ana Márcia. *op. cit.* 1999.

⁹ WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992. p.86

¹⁰ WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992. p.88

¹¹ WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992. p.86

¹² WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992. p.88

¹³ WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992. p.88

¹⁴ WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992. p.84

¹⁵ SILVA, Ana Márcia. *op. cit.* 1999. p.13

¹⁶ Foucault *apud* SILVA, Ana Márcia. *op. cit.* 1999. p.16



FIG. 06

imperativos
do fogo

"(...) o sonho da perfeição dirigido às mulheres é inacessível num sentido absoluto, desde que existe para ser impingido e não preenchido."
(SIMPSON, Amélia. 1994, p.49)

★

Minha ansiedade não permitiu que o despertador me acordasse, quando ainda mostrava cinco e meia, minha cama já não mais me abraçava. Um coral cantando Mozart chama a atenção na cozinha empestuada pelo perfume do café. Todas as informações que tiveram contato comigo durante essa semana passaram o domingo ocupadas transmutando-se em conhecimento, isto é, buscaram tecer uma teia de relações entre elas mesmas e delas com minhas antigas certezas provisórias.

O coro canta o princípio de mais uma semana promissora. O texto estava ainda sendo digerido, mas poderia muito bem permutar minhas impressões com meu parceiro desafiador. Suas páginas já desgastadas se faziam presentes em minha pasta, afinal existe outra pessoa que precisa conhecê-lo...

Ganho antecipadamente a agora florida rua, e entre os prédios e os sonolentos carros posso ver o nascimento do sol despertando ainda com seu fraco contorno, rompendo as leves nuvens que deitam no horizonte. Quando seus primeiros raios tocam minha pele já estou no ponto esperando minha barulhenta condução. Planejo aproveitar o curto tempo em que me adiantei para visitar um "certo" professor.

Mais uma vez apenas o vazio e o mal cheiro me encontram embaixo do imenso outdoor, até mesmo seus vizinhos não sabem seu paradeiro. Um arbusto infestado de "cosmos" observa mais uma de minhas improdutivas visitas. Mas para a viagem também não o ser, procuro deixar o texto entre as poucas placas de papelão que encobrem o duro cimento, juntamente com um rápido e conciso bilhete identificando seu remetente e a razão de sua existência.

O sinal já indicava o intervalo das aulas quando soube que Vinícius ficaria ausente até o fim do mês, devido a sua licença médica. No seu caso, tenho certeza que, infelizmente, estava doente, fato que explica também sua ausência em nosso compromisso de sábado à noite. Minha preocupação desapareceu em um rápido telefonema no qual descobri tratar-se de apenas um intenso resfriado e que somente o repouso e alguns poucos remédios trariam de volta à ativa o meu amigo.

- Estarei bom para a festa. – revelou-me alegremente, ao mesmo tempo em que despertou minhas lembranças, pois tal evento já não constava mais em minha memória.

As pétalas murchas de meu cosmos sentiram o lento passar do tempo sobre suas finas peles. As marcas do pesado mês saltava-me a olhos vistos como uma tatuagem. Contudo, esse período decorreu sem muitas novidades, apenas com minhas fermentações mentais borbulhando, preparando-me para as discussões vindouras, as quais ansiosamente aguardavam algum correspondente, afinal ambos os parceiros de conversas estavam fora de circulação: um doente e outro desaparecido.

Naquela última sexta-feira do mês decidi arriscar mais um insucesso em minhas visitas. E, ao término da reunião de avaliação pedagógica, com o sol desmoronando no horizonte, resolvi tentar encontrar o desaparecido professor.

O caminho até seu esconderijo me chegava diferente, colorido pelo contraste dos cinzentos prédios e as inúmeras flores da estação. Ao avistar sua morada algumas mudanças já eram visíveis; a disposição das latas não mais cercava seu ninho, ou melhor, devido à distância sequer podia vê-lo.

Ao aproximar-me fui invadido por um intrigante cheiro de queimado e logo suas origens apareceram diante de meus olhos: todos os papelões do beco estavam queimados. Diversos pensamentos brincaram com minhas certezas, construindo probabilidades que fizeram com que meu desespero aflorasse. Minhas conclusões se dispersaram ao ouvirem a gorda voz que atingiu minhas costas:

- Foi um crime o que fizeram...

Rapidamente viro-me a fim de identificar o interlocutor. Seu avental branco e as gotas de suor escorrendo entre os fios da rala e mal feita barba remeteram-me à imagem do garçom, dono do bar que nos olhava do outro lado da rua.

- O que aconteceu aqui?!? – perguntei indignado.

- É, doutor... Essas coisas não acontecem só na televisão não! – respondeu-me com um suspiro ressentido – Nesta madrugada, vieram aqui uns playboyzinhos de caminhonete e tacaram fogo nos pobres coitado que dormia aí. Como eu moro ali em cima, acordei com o barulho, que eu não sei se eram os gritos de dor dos coitado ou as gargalhadas dos moleque. Foi quando chamei a polícia e desci carregando minha garrucha. Foi só eu aparecê gritando, que eles se mandaram cantando pneu. Mas aí já era tarde...

A revolta manifestou-se em cada pêlo do meu corpo, erigindo-o. Um gelado arrepio subiu-me pela coluna, secando minha boca. Meus olhos molhados gritavam de indignação ao verem os resultados daquela barbárie bem no centro da cidade. Minha voz e minha reação esconderam-se, como crianças assustadas, atrás de minha ética e de minha humanidade.

Percebendo minha paralisia perplexa, o gordo senhor decidiu continuar:

- Quando cheguei com os balde d'água num dava mais pra reconhecê nenhum corpo, tudo desfigurado e com as rôpa queimada. Tinha uns três estendidos aí... – falou apontando para os resquícios de papelão.

O ódio falou mais alto e, numa explosão, se fez presente derrubando uma pesada lata de lixo com um chute seco. A água já escorria de meus olhos, quando acompanhei os inúmeros dejetos que rolavam rua abaixo. A fétida figura do professor dançando com as palavras apareceu em minha frente... Não! Isso não podia ter acontecido!

- Você sabe se o professor estava aqui?! – arrisquei perguntar com a voz trêmula, com receio da resposta.

- Olha rapaz... Isso não tenho como te dizê! Só sei que ele passou lá no bar anteontem, tomou umazinha e se mandô. Depois disso eu não vi mais. Pode sê que estivesse dormindo aqui, ou não, só Deus sabe! Ontem de manhã os policiais já levaram o que sobrô dos corpo.

Um misto de esperança e sofrimento se aninhou em meu peito. Tento buscar com os olhos algum vestígio de alguma sobrevivência. Depois de alguns rápidos instantes constatei que o fogo não havia deixado muitos argumentos que pudessem respaldar tal fato. Procurei por resquícios que lembrassem meu presente, mas nada me respondeu.

Naquela noite eu não sonhei. Apesar de ter sido perseguido por inúmeros corpos em chamas, gemendo e gritando de dor. O silêncio e a escuridão que regeram minha noite, desapareceram com o apito desavisado do despertador que, no alto de seu

automatismo, sequer se deu conta de que anunciava o início de mais um folgado fim-de-semana.

O telefonema de Vinícius interrompe meu tardio café da manhã, trazendo-me a notícia de sua melhora e o convite de uma carona para a festa que ocorrerá à noite. A indignação pelo o ocorrido fez com que eu sondasse a possibilidade de não comparecer no histórico evento. Contudo os argumentos com que ele combatera minha tristeza fez com que eu reformulasse minha posição e aceitasse sua carona.

Não sei se o que sinto é fruto de uma indignação pela forma violenta dos homicídios ou pelo fato de ter que aceitar a morte do professor como uma possível probabilidade... Sem dúvida, reencontrar algumas pessoas poderia me fazer muito bem.

Já era noite alta quando sua buzina me chamou. O caminho até a festa me parecia ermo e silencioso, com uma imensa e redonda lua cheia refletindo na lataria do carro, observando tudo. Irritado com o silêncio, meu parceiro, aos poucos foi elencando as novidades das últimas semanas em que não nos vimos. Apesar de minhas respostas monossilábicas, não desistiu de tentar me trazer por inteiro para aquele momento, porém me poupou de qualquer tipo de debate. Minhas idéias viajavam distantes...

A polícia garantiu a impossibilidade de reconhecimento de qualquer um dos corpos. Sem dúvida há uma chance... talvez ele ainda esteja vivo. Contudo, a natureza da morte daqueles seres humanos não encontrava cumplicidade com minha razão. Como podem queimar seres humanos? Como podem queimar seres vivos?

A fraca luz que ilumina meu rosto denuncia o estragado letreiro luminoso que confirma nossa chegada, a qual é reforçada pelo sorridente olhar de meu amigo me convidando a descer de seu carro. Logo na porta do salão fui cercado por doces recordações ao avistar alguns de meus antigos parceiros de estudos. Conhecidos, camaradas, colegas, amigos e irmãos... todos misturados bebendo, comendo e dançando.

Após alguns minutos de êxtase no qual interagi com meus passados mais remotos, novamente voei para longe. Não percebendo minha ausência, meu velho irmão Marco, apresentou-me uma amiga sua que há tempos havia me falado. Quando voltei para a festa percebi que ela já estava falando comigo:

- ... você também está estudando o corpo feminino e a mídia?

- Eu?!? Estou...? – respondi atordoado, pois não havia nem compreendido o nome dela.

- Desculpe, mas foi o que Marquinho me falou... – disse-me sem jeito, pensando ter cometido uma gafe.

Agora consciente e inteiro no que eu estava fazendo, respirei fundo e esqueci meus pesadelos. Sorrindo lhe disse:

- Na verdade não estou realmente estudando, mas apenas muito intrigado com esse tema, por isso um dia liguei para Marquinho para saber se tinha algum material que retratasse corpos femininos em diferentes épocas, uma vez que sempre trabalhou com diversos quadros e imagens. Sou apenas um professor curioso...

- Que bom! – sorriu – esse é o quesito básico para você começar a estudar um tema: curiosidade.

Ri um pouco sem jeito. E ela percebendo meu desconcerto, já emendou, depois de tomar seu suco:

- Perguntei pois esse é o tema da minha pesquisa...

Meus olhos se acenderam finalmente. E convidando-a para sentar perguntei:

- Sobre o que exatamente você trata?

E enquanto ela expunha seu trabalho fui me interessando cada vez mais, esquecendo-me por completo da festa que acontecia à nossa volta.

- Mas o que são os "imperativos do ser mulher"? – perguntei arrumando-me melhor na cadeira.

- Em primeiro lugar, chama-se *"imperativo porque possibilita pouca forma de contestação, é quase uma norma que desenha um jeito natural de ser e de se comportar. Os imperativos da mulher são: seja bela, seja mãe e seja feminina"*¹.

- Então esses imperativos reprimem, de certa forma, as singularidades de cada mulher, menosprezando a sua diversidade? – perguntei tentando confirmar o seu raciocínio.

- Exatamente, essas convenções sociais acabam negando a diversidade feminina, seus *"diferentes interesses, necessidades, vontades, desejos, sentimentos e formas de ver o mundo e a si mesmas, suas diferentes raças, classes, religiões, idades e grupos sociais"*²...

Percebendo meu momento de reflexão ante suas palavras, resolveu contextualizar dentro de nossa área de atuação:

- *"No entanto, se pensarmos no que a Educação Física vem discutindo acerca do corpo da mulher, é possível perceber não a pluralidade mas o desenho de identidades visuais e comportamentais, tomando como referência a mulher adulta jovem, branca, heterossexual e de classe média, para as quais as atividades físicas e esportivas são recomendadas tanto para a aquisição e manutenção de*

um bom estado de saúde como para o aperfeiçoamento da beleza física, ou melhor, da exterioridade de seu corpo” ³.

- Então, de uma certa forma, a Educação Física auxiliou ou auxilia na construção desse padrão corporal, pois ao invés de problematizá-lo explicitando suas diferenças, uma vez que o tem como objeto, ou melhor, como “sujeito” de estudo, faz justamente o contrário, buscando padronizá-lo... – contribui buscando um correspondente olhar de afirmação.

- Exato. Este é um grande problema, pois historicamente a Educação Física surgiu justamente para atender aos interesses do projeto político dos dominantes: preparando para a guerra, para o trabalho, docilizando os corpos, distraindo o povo com movimentos esportivos de massa... Não precisamos ir muito longe, basta olhar a LDB da educação do ano de 1971, onde a Filosofia foi tirada da escola para a inserção da limitada Educação Física. Pensar pra quê? Vamos malhar...

Enquanto a atenciosa mulher pedia mais um suco, continuei digerindo minhas novas e saborosas informações. Assim que retornou, se pôs logo a falar:

- As imagens e textos que permeavam a área de Educação Física, em diferentes momentos, inspiraram e delinearam, basicamente, dois tipos de padrões estéticos. Um deles exibía a beleza da harmonia e a proporção das formas das estátuas gregas, reproduzindo imagens idealizadas de deuses e deusas. Já em outro momento há *“...a modernização desse conceito de belo, trazido para outro tempo/lugar: para a moderna sociedade capitalística, na qual são outras as regras culturais que regem as representações de beleza e onde são outras, também, as formas de produção e reprodução de imagens...”* ⁴ e informações, sobretudo a fotografia, o cinema e a televisão. Os quais *“criam e traduzem percepções estéticas que olham e*

exibem o corpo feminino a partir de outra aparência e sensualidade convertendo a imagem da mulher bela e sedutora em um ícone da sociedade de consumo, para a qual, além do corpo perfeito, para ser bela é necessário ter qualidades capazes de seduzir e chamar para si o olhar do outro. Ser bela é ser, também, atraente e sensual”⁵.

- Talvez seja justamente isso que me confunde. Você acredita ser um problema as mulheres desejarem ser “belas, atraentes e sensuais”? – interrompi-a com um gesto.

- “Tornar-se mais atraente ao olhar do outro é tanto uma ‘condição’ como um ‘anseio’ que está impresso no detalhe de seu corpo. Uma ‘condição’ porque a limita aos padrões estéticos dominantes e restringe os espaços para a expressão de outras singularidades – ainda que existam processos subjetivos de apreensão deste imaginário socialmente construído e aceito que permitam o desenho de determinadas formas de resistência. Um ‘anseio’ porque liberta sua sexualidade da função reprodutiva fixando, no seu corpo, outros destinos...”⁶.

- Mas o “belo” sempre ganhou diversos significados, nos diferentes períodos, em diferentes épocas. Qual o problema de ser bela de acordo com os padrões da minha cultura? – provoqueei-a.

- Acho que você mesmo pode lhe responder isso... – retribuí a provocação.

- Como?! – respondi, entrando em sua brincadeira.

- Tente se lembrar das representações femininas disseminadas pela mídia. Como as mulheres aparecem?

Percebendo meu concordante silêncio, não perdeu tempo e reforçou sua idéia:

- Nós vivemos numa cultura machista. Portanto,

“[...] Incorporadas ou não pelas mulheres, as representações de beleza e feminilidade (...) advém de um olhar e de um discurso masculinos, não porque desenhadas e faladas por homens mas porque interiorizadas por um inconsciente que fantasia a diferença para torná-la suportável”⁷.

Um desgastado incômodo ressurgiu e foi reforçado pelas suas, até então, esclarecedoras palavras. Não pude resistir à idéia de colocar-lhe a questão que me afligia naquele instante:

- Você acredita que realmente há um enorme sistema de manipulação de nossa sociedade machista que rege e dita um comportamento social submisso das mulheres? Não é uma coisa muito abstrata? Muita viagem...?

- Parece coisa de filme, né? Mas infelizmente os meios de cultura de massa tem esse potencial de subjetivação. É tão forte que, neste contexto, *"... a própria mulher é sujeito e objeto de um discurso que busca generalizar traços e percepções a partir de um olhar que expõe o seu corpo tornando-o objeto de desejo, ao mesmo tempo que reprime o desejo que colaborou para despertar..."*⁸. Essa paradoxal situação nos coloca numa enorme "sinuca de bico"...

Vendo instaurada a confusão em meus viajantes olhos, se pôs a consolar-me:

- Não fique assustado. Não estou pregando uma "ode às feinhas", nem acho que as mulheres deveriam perder a validade e se "enfeiar" ao máximo só para protestar contra o "sistema manipulador". Naomi Woolf tem uma frase interessante que resume bem o que quero dizer:

*"Não precisamos condenar o desejo, a sedução ou a atração física – qualidades essas muito mais democráticas e subjetivas do que o mercado quer que as descubramos. Precisamos, apenas, rejeitar a manipulação de natureza política"*⁹.

A citação do nome da autora me remeteu à sofridas lembranças. A imagem do fascinante professor me apresentando-a, chocou-se com a da atenciosa professora que agora a ressuscitava em minha memória. Uma momentânea depressão tomou-me, fugindo com meus olhos que, desolados, refugiaram-se

na ponta de meus pés. Acabei soltando uma desesperançosa pergunta no ar:

- Mas como podemos começar a mudar isso?

Pensando ser a causa de minha tristeza, se apressou logo em revelar:

- A feminista Naomi¹⁰ nos traz diversos passos que poderíamos dar em busca da libertação dessa opressão machista. Contudo acredito que para não desanimarmos, temos que relativizar mais as coisas. É tudo uma questão de expectativa de mudança.

Meu silêncio atencioso serviu de autorização para que continuasse a falar:

- Acredito muito nas pequenas atitudes, nas pequenas ações. Foucault traz uma discussão similar em seu antológico "Microfísica do poder" dizendo que o 'poder' se encontra nas micro-relações, num olhar, num gesto... É nisso que acredito. Não temos como mudar toda uma cultura, com seus vícios, preconceitos e hierarquias, do dia para noite. Penso em um processo gradual e lento, construído dia após dia por meio de pequenas e concretas atitudes: acabando com as "pseudo-bobinhas" brincadeiras preconceituosas, discutir com meus alunos essas questões, problematizando minhas aulas neste sentido, uma vez que trabalhamos com o corpo, com o ser social, cultural, biológico...

Marquinho já lhe estendia a mão, convidando-a para dançar, quando concluiu:

- De fato, não creio nesse grande monstro abstrato e determinista, ao qual você se referiu. Não creio, pois acredito muito no ser humano, acredito na diversidade e na inteligência, na

criatividade e no potencial que todos nós temos. Guatarri, em seu livro, fala sobre a capacidade do ser humano desenvolver “processos de singularização”, isto é, a capacidade que possuem de se apropriar dos elementos da cultura e resignificarem, construindo assim seus próprios tipos de referência, rompendo com a dependência de um poder global. Esses processos embasariam o que ele chama de “revolução molecular”, a qual se daria de forma concomitante nos níveis subjetivos, sociais e interpessoais. *“A revolução molecular consiste em produzir as condições não só de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material, quanto no campo subjetivo”*¹¹.

Com um sorriso reticente, prometendo uma continuidade para nossa conversa, levantou-se e iniciou uma tímida e desconcertada dança com meu amigo. Aproveitando a solidão momentânea, atendo ao sedutor chamado da lua e me permito o aconchegante abraço das leves brisas que passavam pela varanda do salão. O silêncio que ali reinava apenas era interrompido pelo insistente trepidar das defeituosas lâmpadas fluorescente que tinham a incompetente intenção de iluminar o limitado espaço que avançava em direção à rua. Uma grossa porta de vidro desfila em seu trilho e agora protege minhas costas, isolando-me da festa.

(...)

NOTAS

¹ GOELLNER, Silvana V. Imperativos do ser mulher, in Revista MOTRIZ, 1999, p.40

² GOELLNER, Silvana V. *op. cit.* 1999, p.40

³ GOELLNER, Silvana V. *op. cit.* 1999, p.41

⁴ GOELLNER, Silvana V. *op. cit.* 1999, p.40

⁵ GOELLNER, Silvana V. *op. cit.* 1999, p.40-41

⁶ GOELLNER, Silvana V. *op. cit.* 1999, p.41

⁷ GOELLNER, Silvana V. *op. cit.* 1999, p.41

⁸ GOELLNER, Silvana V. *op. cit.* 1999, p.40

⁹ WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992, p.373

¹⁰ WOLF, Naomi. *op. cit.* 1992, p.361-389

¹¹ GUATTARI, Félix. *op. cit.* 1986, p. 46



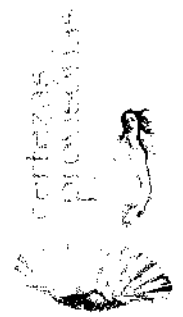
Vénus de Milo. ARMAN, 1996.

certezas, provisórias

VII



O nascimento de Vênus. BOTTICELLI, 1484.



*

As idéias com as quais tive contato durante esse último mês protagonizavam em minha mente uma dança caótica, fazendo com que minha razão, já desnorтеada, clamasse pela ordem e coerência. As brumas criadas pelas suas alvas e rodopiantes anáguas, reveladas pelo vôo macio de seus vestidos, foram se desfazendo e delineando gradualmente a lógica e as relações existentes entre elas. Algo começava a fazer sentido...

A modernidade inaugura uma nova visão de corpo. Mas não o faz de forma pontual, e sim apresenta-se como a culminância de um antigo processo de rompimento entre o ser humano e a natureza. Coroada pela visão cartesiana, objetiva e positivista do princípio da ciência, constrói o "indivíduo", auto-suficiente, independente, negando o sobre-humano e crendo apenas na "materialidade manifesta do corpo".

O desenvolvimento tecnológico decorrente construiu as chamadas "máquinas de ver", as quais apresentam-se como a gênese da indústria cultural de massa, uma vez que potencializou e disseminou imagens e símbolos, rompendo fronteiras mundiais de espaço e tempo, atingindo um imensurável número de pessoas. E ao mesmo tempo contribuiu para a posição aristocrática adquirida pelos olhos em nossa sociedade.

O produto da somatória desses fatores vêm contribuir com uma inevitável virtualização do corpo, agora resumido à uma insepта imagem, sem odores, sem calor, sem suor, sem sabor...

A termodinâmica e o aerodinamismo, frutos da pesquisa científica, vieram modificar a visão existente de corpo, o qual passou a ser visto como uma máquina, premiando um órgão até então ignorado, o "pulmão-caldeira", com um título de nobreza. Já



a descoberta do atrito com o ar provocou uma revolução no ideal de corpo, e consequentemente nos esportes de alto nível, uma vez que renegou o corpo pesado, improdutivo numa cultura de competição.

O sedutor abraço que as nuvens escuras proporcionavam na luminosa lua causam um deleite para meus olhos. Os ventos, cupidos desse fugaz amor, agora brincam com meus cabelos, acariciando-os, ao mesmo tempo em que me questionam a origem dessa determinante “competição”.

A Revolução Burguesa e o advento do capitalismo, regido pelo abstrato, instável e onipresente mercado, talvez a tenha inaugurado. Sem dúvida que há milênios a competição existe nos mais diferentes povos e épocas, contudo, até então, ela não era o eixo determinante da vida dos seres humanos, não era a única lógica que regia o comportamento social dos indivíduos. Atualmente, ela se tornou questão de sobrevivência no dito “mercado globalizado”, no qual pregam que nos encontramos.

Este projeto político vigente busca construir o ser humano que condiz e respalda seus valores e ideais, ou seja, necessita de corpos eficientes e produtivos, capacitados para viverem em competição constante. Para tanto utiliza-se dos recém surgidos meios de comunicação de massa para tentar construir e perpetuar no imaginário social o padrão coerente com seus princípios. Essa “construção de uma subjetividade coletiva” faz com que os indivíduos, passivos e acríticos devido, entre muitas outras coisas, ao sucateamento do ensino público, interiorizem uma fatalista concepção de mundo, bem como seus padrões de vida, corpo e felicidade.



Na sociedade de consumo em que vivemos atualmente, este corpo produtivo, competitivo, individualizado, "malhado", banalizado, aerodinâmico, potente e virtualizado, é uma mera mercadoria que pode ser comprada em lojas, academias, sites na internet, televidas, revistas, jornais ou em qualquer outro meio, aparelho ou estabelecimento comercial.

A figura e as palavras do deteriorado professor se ofereceram imediatamente à minha razão, contextualizando a mulher, o corpo feminino, nesse assustador processo. A coação social que historicamente enfrentam começou a me incomodar à medida em que minhas alunas tomaram meus pensamentos com suas minúsculas vestes, e os "produtivos" padrões formaram uma imensa muralha, cercando e impedindo a inútil corrida de meu "gordo" aluno.

Mas como mudar?

Essa pergunta latejava em meus pensamentos até encontrar as recentes e esperançosas palavras da professora... da professora... Deus! Fiquei sem saber seu nome...

Mas logo, ao voltar meus olhos para a festa, os poucos acordes que venciam a sólida porta de vidro me disseram que numa próxima dança poderia resolver esse meu pequeno problema.

Na rua, um florido arbusto parecia me cumprimentar. Suas flores amarelas não me eram nem um pouco estranhas. Seus sorrisos pareciam anunciar grandes mudanças em minha vida e, principal e consequentemente, em minhas aulas.

Com o canto dos olhos pude ver ao longe, no fim da mal iluminada rua, a intrigante figura de um pobre mendigo dançando. Ao tentar visualizá-lo, focalizando minha atenção, não mais o vejo.

Talvez tenha sido apenas impressão, ou quem sabe o efeito da ausência de café nas veias de um pobre viciado... Quem sabe...? Contudo, antes de ultrapassar a deslizante porta de vidro e adentrar novamente à festa, posso jurar ter escutado distantes lamúrios de um velho violino...

*



Algumas Cartas...

Este emaranhado de idéias e devaneios que neste instante se encontra em tuas mãos, foi tecido, com inúmeras linhas, por diversos atores. As palavras que nos guiam para distantes viagens não nasceram de um único progenitor, mas sim de sua relação com o mundo.

O conhecimento, por ser "humano", borbulha e se manifesta nas mais diferentes instâncias e expressões, evidenciando assim sua infinita mutabilidade. Suas diversas formas ajudaram a construir esse trabalho, contudo é impossível hierarquizá-las, dotando-as de preferências ou níveis de importância.

Nesse grande teatro não temos coadjuvantes, mas sim apenas essenciais protagonistas a nos servir, implícita ou explicitamente. Ao tentar delimitar os créditos, buscamos evitar infelizes injustiças com seus desmesurados juízos de valor. Para tanto, elegemos a lógica do alfabeto para reger a ordem de disposição de nosso diversificado elenco, mas inevitável e infelizmente algum deslize deve ter ocorrido. E é nesse instante que se faz presente o nosso pedido de desculpas, ao leitor e à pobre fonte que, mesmo sem saber, foi esquecida...

Artistas do fogo (Escritores e seus livros)

ALMEIDA, Milton José de. Suagh'Leng'hor. Cortez Editora. São Paulo, 1990.

BORIN, Françoise. História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna. Vol. 03. Edições Afrontamento Ltda. 1991.

CALVINO, Ítalo. Palomar. Companhia das Letras. São Paulo, 1994.

CANGUILHEM, Georges. Exame crítico de alguns conceitos: do normal, da anomalia e da doença, do normal e do experimental. in O normal e o patológico. 2ª ed, Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1982.

GOELLNER, Silvana V. Imperativos do ser mulher. in Revista MOTRIZ, vol. 05, nº 01, Rio Claro - SP, junho 1999, p. 40-42

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica – Cartografias do Desejo. 2ª edição. Editora Vozes. Petrópolis, 1986.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. Editora Brasiliense. São Paulo, 1988.

SANT'ANNA, Denise B. Políticas do corpo. Estação Liberdade. São Paulo, 1995.

ORWELL, George; VELLOSO, Wilson (trad.). 1984. 8ª ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1975.

SIEBERT, Raquel S. As relações de saber-poder sobre o corpo. in ROMERO, Elaine (org). Corpo, mulher e sociedade. Coleção Corpo e Motricidade. Papirus. Campinas – SP, 1995.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a Modernidade do corpo numa sociedade racional. In SOARES, Carmen Lúcia (org). Caderno Cedes, 48. Corpo e Educação (1ª ed). Centro de Estudos Educação e Sociedade, 1999. p. 07-29

SIMPSON, Amélia; RAMOS, Noêmia (trad.). Xuxa. Editora Sumaré. São Paulo, 1994.

WOLF, Naomi; BARCELOS, Waldéa (trad.). O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rocco. Rio de Janeiro, 1992

Mágicos do som (Músicos)

Alceu Valença
André Geraissati
Anima
Antonin Dvorák
Arthur "Big Boy" Crudup
Carl Maria von Weber
Duke Ellington
Edson Cordeiro
Elis Regina
Eric Clapton
Frederic Françoise Chopin
Gilberto Gil
Ira
Ivan Vilela
Johann Sebastian Bach
Johann Strauss Jr
Joseph Haydn
Legião Urbana
Ludwig van Beethoven
Maurice Ravel
Max Bruch
Milton Nascimento
Raphael Rabello
Raul Seixas
Renato Teixeira
The Animals
Wolfgang Amadeus Mozart

Malabaristas da alma (Pintores)

Cândido Portinari

Pablo Picasso

Paul Gauguin

Pierre Auguste Renoir

René Magritte

Salvador Dalí

Sandro Botticelli

Tiziano Vecellio

Vicent van Gogh

Palcos (terras inspiradoras)

Belo Horizonte – MG

Campinas – SP

Florianópolis – SC

Jarauá – AM

Litoral norte de Alagoas

Pocinhos do Rio Verde – MG

Recife – PE

Rio de Janeiro – RJ

Uarini – AM

É inconcebível resumir a produção dessa peça a esse pequeno e limitado elenco, o qual nos foi imposto pelas restrições do espaço e da memória. Pois, sem dúvida, ela é um dos frutos de tudo o que ouvi, li, discuti, conversei, troquei, amei, -vivi...

Mestres das formas

* Capa

- Retrato de Pablo Picasso (detalhe).

In WALTHER, Ingo F. Pablo Picasso 1881-1973. O gênio do século. Benedikt Taschen. 1994, p.95.

- Anthroprograms. SYNDIKAS, Alexander. 1995 (?).

In 4º studio UNESP SESC SENAI DE TECNOLOGIAS DE IMAGENS. MONFORTE, Luiz G. UNESP, 1996.

- Sem título. RIBEIRO, Marcos. 1990 (?).

In 4º studio UNESP SESC SENAI DE TECNOLOGIAS DE IMAGENS. MONFORTE, Luiz G. UNESP, 1996.

* Figura 01

- Motivo kwasiarapara (detalhe). Foto: Renato Delarole.

In Grafismo Indígena – Estudos de Antropologia Estética. VIDAL, Lux. Stúdio Nobel, FAPESP, EDUSP. 1992, p.233

- A dança. MATISSE.

In Gênios da pintura – Matisse. Editora Abril Cultural, 1967(?).

* Figura 02

- Capa da revista mensal SANDMAN (detalhe). Mc KEAN, Dave. 1990.

In SANDMAN nº 07. GAIMAN, Neil. Editora Globo, 1990.

- Capa da revista mensal SANDMAN (detalhe). Mc KEAN, Dave. 1990.

In SANDMAN nº 11. GAIMAN, Neil. Editora Globo, 1990.

- Foto dos internos da Febem de São Paulo. GUATELLI, Caio. 1999.

In Revista semanal VEJA, nº1616. 1999, p.116.

* Figura 03

- Capa da revista mensal SANDMAN (detalhe). Mc KEAN, Dave. 1990.

In SANDMAN nº 06. GAIMAN, Neil. Editora Globo, 1990.

- Nascimento de Vênus. BOTTICELLI, 1484.

In Gênios da pintura – Botticelli. Editora Abril Cultural, 1967(?).

* Figura 04

- Torso de mulher em pé. CLAUDEL, Camille. 1884.

In Secretaria de Estado da Cultura. Camille Claudel 1864-1943. Esculturas, desenhos e pinturas. São Paulo. 1997, p.97.

- Ligações Perigosas. MAGRITTE, 1926.

In MARCEL, Paquet. René Magritte 1898-1967. O pensamento tornado visível. Benedikt Taschen. 1995, p.54.

* Figura 05

- Capa da revista mensal SANDMAN (detalhe). Mc KEAN, Dave. 1997.

In SANDMAN nº 64. GAIMAN, Neil. Editora Globo, 1997.

- Página de rosto. Mc KEAN, Dave, 1990.

In GRANT, Morrison. Asilo Arkham. Abril Jovem, 1990.

* Figura 06

- Página de rosto. SMITH, Dan, 1997.

In PEARCY, Derek. In Nomini. Steve Jackson Games, 1997.

- Capa da revista mensal SANDMAN (detalhe). Mc KEAN, Dave. 1991.

In SANDMAN nº 16. GAIMAN, Neil. Editora Globo, 1991.

* Figura 07

- Vênus de milo. ARMAN. 1996.

In Revista mensal BRAVO!, nº22. 1999, p.62

- Nascimento de Vênus (adaptação). BOTTICELLI, 1484.

In Revista mensal BRAVO!, nº24. 1999, p.18.

- Capa da revista mensal SANDMAN (detalhe). Mc KEAN, Dave. 1998.

In SANDMAN nº 69. GAIMAN, Neil. Editora Globo, 1998.

- El Baño turco. INGRES, Jan Auguste Dominique, 1862.

In METTAIS, Valérie. Su visita del Louvre. Art Lys. 1998, p.94.